Universidade Federal de Minas Gerais

Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção de Violência

MAICOM MARQUES DE PAULA

UM ESTUDO SOBRE *BULLYING* COMO FORMA DE REPRODUÇÃO DA VIOLÊNCIA

Belo Horizonte

2016

MAICOM MARQUES DE PAULA

UM ESTUDO SOBRE *BULLYING* COMO FORMA DE REPRODUÇÃO DA VIOLÊNCIA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência, do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da UFMG, como requisito à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Ricardo Tavares

Co-orientador: Prof. Dimitri Fazito de Almeida Rezende

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitor:

Prof. Jaime Arturo Ramírez

Vice-Reitora:

Profª. Sandra Goulart Almeida

Pró-Reitor de Pós-Graduação:

Prof. Rodrigo Antônio de Paiva Duarte

Pró-Reitor de Pesquisa:

Profª. Adelina Martha dos Reis

Diretor da Faculdade de Medicina:

Prof. Tarcizo Afonso Nunes

Vice-Diretor da Faculdade de Medicina:

Prof. Humberto José Alves

Coordenador do Centro de Pós-Graduação:

Prof. Luiz Armando Cunha De Marco

Subcoordenadora do Centro de Pós-Graduação:

Profª. Ana Cristina Côrtes Gama

Chefe do Departamento de Medicina Preventiva e Social:

Prof. Antônio Leite Alves Radicchi

Subchefe do Departamento de Medicina Preventiva e Social:

Profª. Alaneir de Fátima dos Santos

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência:

Profª. Elza Machado de Melo

Subcoordenadora Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência:

Profª. Cristiane de Freitas Cunha

Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência

Profª. Andréa Maria Silveira

Prof. Antônio Leite Alves Raddichi

Profª. Cristiane de Freitas Cunha

Profª. Eliane Dias Gontijo

Profª. Elizabeth Costa Dias

Profª. Eugênia Ribeiro Valadares

Profª. Izabel Christina Friche Passos

Prof. Paulo Roberto Ceccarelli

Prof. Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro

Profª. Stela Maris Aguiar Lemos

Prof. Victor Hugo de Melo

Representantes discente:

Maria Beatriz de Oliveira - Titular e Marcos Vinícius da Silva - Suplente

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA/MP

UFMG

FOLHA DE APROVAÇÃO

Um estudo sobre o bullying como forma de reprodução da violência

MAICOM MARQUES DE PAULA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA, área de concentração PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA.

Aprovada em 31 de março de 2016, pela banca constituída pelos membros:

Prof. Ricardo Tavares - Orientador
UFOP

Prof. Dimitri Fazito de Almeida Rezende
UFMG

Prof(a). Márcia Rocha Parizzi
SMSA - PBH

Prof. Filipe Oliveira Raslan
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Ge

Belo Horizonte, 31 de março de 2016.

Dedico este trabalho a todas as crianças e adolescentes que direta ou indiretamente sofreram as consequências do *bullying*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, pela força e alento na caminhada.

Aos meus pais, José Francisco e Zélia Marques, por me apresentarem ao mundo, educar, transmitir valores e apoiar em todos os momentos.

Aos meus irmãos, Kety, Núbia, Núdia e Gilberte, meus grandes exemplos.

A Universidade Federal de Minas Gerais, representada na pessoa da Professora Elza Melo, pela oportunidade de ampliar meus conhecimentos e crescer, tanto no campo profissional quanto pessoal.

Aos professores Carla Machado e Dimitri Fazito, pela enorme contribuição na realização desse trabalho.

Aos professores que compuseram as bancas de qualificação e defesa, Andrea Simão, Jandira Maciel, Filipe Raslan e Márcia Parizzi, sou grato pelas enormes contribuições.

Ao professor Ricardo Tavares, pela parceria, solidariedade e exemplo de dedicação ao trabalho.

As profissionais do Núcleo de Prevenção à Violência e Construção de uma Cultura de Paz, Amanda e Lauriza.

A Mariza Talim que tão pacientemente me auxiliou nas buscas bibliográficas.

A Glauciane Viana e seus familiares que tão gentilmente me acolheram em sua casa e aos poucos me permitiram ser parte da família.

Aos amigos que conquistei nessa trajetória, Eleciana, Mágda, Pauline, Renata Giffone e Róscio.

A minha grande amiga Cleiciara Ferreira, uma das pessoas mais solidárias que tive a oportunidade de conhecer, cujo apoio foi fundamental para a concretização desse trabalho. “Clei” o mérito é meu, mas a vitória é nossa.

Aos pesquisadores que percorreram longos caminhos, batendo de porta em porta, contribuindo para efetivação da pesquisa SAUVI.

A todos os adolescentes que se dispuseram a responder ao questionário, espero retribuir a altura a contribuição de vocês.

A todos vocês o meu muito obrigado.

O que seria do jardim se todas as flores se chamassem rosa?

(Autor desconhecido)

RESUMO

Fato social complexo, histórico e multicausal, a violência encontra nos diferentes espaços de interação social, terreno fértil para a sua produção e reprodução. Estudos acerca das ocorrências de violência entre crianças e adolescentes, bem como da população jovem em seus processos de socialização vem ganhando destaque no cenário nacional e internacional, haja vista a condição peculiar de desenvolvimento destes. Dentre as diversas formas de violência que se manifestam nesse grupo populacional, destaca-se o *bullying*, comportamento violento, sem motivação aparente, repetitivo, intencional, caracterizado pelo desequilíbrio de poder entre os envolvidos, cujos prejuízos o tornam um problema de saúde pública. Considerando a temática em questão, o presente estudo investigou a prevalência de *bullying* entre os adolescentes do município de Betim – MG e sua relação com a reprodução social da violência. Com base no referencial teórico, objetivou estudar o fenômeno à luz do conceito de violência e do contexto social e histórico no qual se insere. Realizou-se inicialmente uma revisão da literatura seguida da apresentação de um artigo cujos resultados apontaram alta prevalência de *bullying* entre os adolescentes, identificou os perfis dos envolvidos, correlacionados a aspectos sociodemográficos como sexo, raça/cor e idade. Identificou também as formas e locais de ocorrência. Para além disso, o estudo apontou a correlação entre bullying, violência doméstica e violência social reforçando a hipótese do fenômeno enquanto reprodução da violência sofrida em outros espaços. Nesse sentido, concluiu-se que as estratégias de intervenção frente as ocorrências de *bullying* devem superar a visão simplista do fenômeno, no que tange as características individuais dos envolvidos e expandir-se para propostas ampliadas, considerando o contexto familiar e social dos mesmos.

Palavras chave: *Bullying*, Adolescente, Violência doméstica, Violência social.

ABSTRACT

Complex, historical and social fact multicausal, violence found in different spaces of social interaction, fertile ground for their production and reproduction. Studies on the occurrence of violence between children and adolescents, as well as of young people in their processes of socialization has been increasing prominence in the national and international scene, given the peculiar condition of development of these. Among the various forms of violence that manifest themselves in this population group, the *bullying*, violent behavior, without apparent motivation, repetitive, intentional, characterized by the imbalance of power between the people involved, whose losses make it a public health problem. Considering the theme concerned, the present study investigated the prevalence of *bullying* among teenagers of the municipality of Betim-MG and its relationship with the social reproduction of violence. Based on the theoretical, aimed to study the phenomenon in the light of the concept of violence and social and historical context in which it operates. Initially took a literature review followed by the presentation of an article whose results showed high prevalence of *bullying* among teenagers, identified the profiles of those involved, correlated to sociodemographic aspects such as sex, race/color, and age. It has also identified the ways and places of occurrence. In addition, the study pointed out the correlation between *bullying*, domestic violence and social violence reinforcing the hypothesis of the phenomenon while playing the violence suffered in other spaces. Accordingly, it was concluded that the intervention strategies forward occurrences of *bullying* must overcome the simplistic vision of the phenomenon, the individual characteristics of the involved and expand to expanded proposals, considering the family and social context.

Key words: *Bullying*, teen, domestic violence, social violence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES - DISSERTAÇÃO

QUADRO 1 – Evolução cronológica das definições, conceitos e percepções sobre o fenômeno *bullying* 35
QUADRO 2 – Composição dos indicadores a partir das variáveis e suas respectivas contribuições 50

LISTA DE ILUSTRAÇÕES - ARTIGO

QUADRO 3 – Composição dos indicadores a partir das variáveis e suas respectivas contribuições 64

TABELA 1 – Características gerais dos envolvidos em situação de *bullying* 70

GRÁFICO 1 – Distribuição do indicador de *bullying* segundo o sexo 72
GRÁFICO 2 – Distribuição do indicador de *bullying* segundo faixa etária 73
GRÁFICO 3 – Distribuição do indicador de *bullying* segundo raça 74
GRÁFICO 4 – Distribuição do indicador de *bullying* segundo composição família 75

TABELA 2 – Correlação de Pearson e suas significâncias para os indicadores propostos 77

GRÁFICO 5 – Correlograma de intensidade da correlação de Pearson entre os sete indicadores de *bullying* 78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência

AMAS – Associação Municipal de Assistência Social

COEP UFMG – Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

CRISP – Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública

DDA – Distúrbio de Déficit de Atenção

FJP – Fundação João Pinheiro

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano

IEB – Indicador de Envolvimento com Bullying

IPA – Indicador de Perfil Agressor

IPE – Indicador de Perfil Espectador

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IPV – Indicador de Perfil Vítima

IPVA – Indicador de Perfil Vítima-Agressora

IVD – Indicador de Violência Doméstica

IVS – Indicador de Violência Social

OMS – Organização Mundial de Saúde

PeNSE – Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar

PIB – Produto Interno Bruto

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PSE – Programa Saúde na Escola

SAUVI – Saúde e Violência: subsídios para formulação de políticas de promoção e prevenção da violência.

SPSS – Statistical Package for Social Sciences

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para Infância

VD – Violência Doméstica

WHO – *World Health Organization*

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS 16

2 REFERENCIAL TEÓRICO 21
2.1 Betim: *locus* do estudo 21
2.2 Impactos da violência sobre a juventude brasileira 23
2.3 Violência simbólica: para além do que se pode ver 25
2.4 Adolescência e cultura de pares 28
2.5 *Bullying* 33
2.6 Conceito, definição e formas de expressão do fenômeno *bullying* 34
2.7 Protagonistas do fenômeno *bullying* 40

3 OBJETIVOS 46
3.1 Objetivo Geral 46
3.2 Objetivos Específicos 46

4 MÉTODOS 47
4.1 Delineamento, local e período de estudo 47
4.2 Instrumentos e coleta de dados 48
4.3 Análise dos dados 49

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES 55
ARTIGO 1: *BULLYING*: CONTEXTUALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA REPRODUZIDA ENTRE ADOLESCENTES 56

6 CRONOGRAMA 92

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 93

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 95

ANEXOS 99
Anexo I – Tabela de Variáveis 99

Anexo II – Termo de aprovação Projeto de Pesquisa.....100
Anexo III – Ata da Defesa de Dissertação.....101
Anexo IV – Folha de Aprovação 102

APÊNDICES.....103
Apêndice I – Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015......103
Apêndice II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Responsáveis por sujeitos de 10 a 16 anos 105
Apêndice III – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Adolescentes maiores de 17 anos 106
Apêndice IV – Questionário 107

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A violência é hoje um dos maiores problemas de saúde do Brasil e do mundo, haja visto que mais de 4 mil pessoas morrem por dia em decorrência de homicídios e suicídios. No Brasil, no período correspondente aos anos de 1991 a 2007, morreram 665.199 pessoas por homicídio e 111.311 por suicídio (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2010).

Tal cenário expressa apenas parte do que ocorre em todo o mundo. A violência, nas suas mais variadas formas, perpassa todo o tecido social e atinge grande parte da população mundial, indiferentemente das questões de gênero, idade, raça, crença religiosa ou condição socioeconômica.

Manifesta-se nos mais diversos espaços sociais, como o familiar, comunitário e escolar, expressando-se no seu cotidiano por meio de preconceitos, intolerâncias, agressões, dentre outras.

Ao abordar a violência a partir de uma perspectiva filosófica, Chauí apud Araújo (2002), nos apresenta o seguinte conceito:

> A violência não como violação ou transgressão de normas, regras e leis, mas sob dois outros ângulos: Em primeiro lugar, como de uma diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exposição e opressão. Em segundo lugar, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio, de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência (CHAUÍ, 1985 apud ARAÚJO, 2002).

Essa definição de violência apresentada por Chauí, à luz da dinâmica da vida social nos instiga a uma análise do fenômeno *Bullying*, umas das formas mais expressivas de violência encontrada entre crianças e adolescentes, principalmente no ambiente escolar, onde a presença da diversidade social, da convivência com os diferentes “tipos” de pares, torna visível a desigualdade social, manifestada através de práticas como discriminação, preconceito, isolamento e exclusão.

Nas últimas décadas, o *bullying*, vem tornando-se foco de estudos e pesquisas em diferentes países. Longe da intenção de patologizar e/ou judicializar os atores envolvidos nas ocorrências de *bullying*, estudiosos do fenômeno buscam principalmente distinguir as brincadeiras naturais e saudáveis, típicas da vida estudantil, das atitudes que carregam em si um traço de crueldade, extrapolando os limites de respeito entre os pares. Conforme aponta Silva (2010, p.13), “é necessário entendermos que brincadeiras normais e sadias são aquelas nas quais todos os participantes se divertem”. Para, além disso, é sabido que o *bullying* ocasiona prejuízos significativos a todos os envolvidos, sejam estes, vítimas, vítimas-agressoras, agressores ou espectadores, demonstrando assim a necessidade do desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção.

Os agravos decorridos do *bullying* nos possibilitam considerar este fenômeno como um problema de saúde pública a ser enfrentado não somente pela política de saúde. Isso posto, considerando-se principalmente as raízes donde o *bullying* emerge, a saber; preconceito, intolerância, aversão ao diferente e naturalização das desigualdades sociais, o trabalho da política pública de Assistência Social, em especial da política de Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social – SUAS, cuja orientação se dá pela prevenção dos agravos sociais possui relevante importância no processo de prevenção e combate ao *bullying*.

Nesse sentido, como profissional do Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, bem como indivíduo que carrega consigo as marcas das experiências nada agradáveis da vitimização pelo *bullying* torna-se imperioso lançar mão das estratégias de trabalho social para o enfrentamento deste fenômeno.

Embora o Brasil apresente um número pequeno de estudos sistemáticos acerca do *bullying*, em novembro de 2015 a Casa Civil representada pela Presidente da República Dilma Rousseff, publicou a Lei n.º 13.185, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo o território nacional (Apêndice I).

Com o objetivo de investigar o perfil da violência e sua dinâmica, seus determinantes, sua distribuição geográfica e as formas de enfrentamento em

diferentes grupos populacionais, nos Municípios de Belo Horizonte, Betim, Ribeirão das Neves e Sete Lagoas, professores orientadores e mestrandos do Mestrado Profissional de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência/UFMG elaboraram o projeto de pesquisa “Saúde e Violência: Subsídios para Formulação de Políticas Públicas de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência – SAUVI”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Alinhado à pesquisa SAUVI, apresentou-se a proposta de um estudo transversal que visa compreender como se dão as ocorrências de *bullying* entre os adolescentes e a relação deste com a reprodução social da violência.

Este estudo contou com dois momentos. No primeiro realizou-se uma revisão bibliográfica acerca do tema nos portais da BVS e PUBMED, em bases como LILACS, IBECS (Espanha), Index Psicologia Periódicos Técnico-Científicos e Index Psicologia Teses. Utilizou-se descritores como *bullying*, escola, violência e preconceito, bem como a expressão “violência simbólica”, priorizando-se artigos e teses publicados entre os anos de 2010 e 2015. Tal estratégia objetivou subsidiar a discussão para além da identificação do fenômeno *bullying*, considerando os vários fatores que contribuem e buscam explicar a sua existência. No segundo momento, utilizando-se de entrevistas estruturadas, a partir de questionário autoaplicável, investigou-se a prevalência de *bullying* nos adolescentes residentes no município de Betim, o perfil dos atores envolvidos, fatores associados e suas formas de manifestação.

Para aplicação do questionário, conforme definição da Organização Mundial de Saúde – OMS (2001), o estudo considerou adolescente, a pessoa com idade entre 10 e 19 anos.

Dentre as variáveis foram selecionadas aquelas cuja estrutura ofertou condições de resposta à hipótese levantada (ocorrências de *bullying* entre os adolescentes como forma de reprodução social da violência). A partir da junção de sete (7) variáveis, construiu-se um indicador de *bullying*. Considerou-se aquelas cujas respostas alinharam-se ao conceito do fenômeno (atitudes agressivas entre um, ou mais

adolescentes, sem motivação aparente, recorrentes e com visível desigualdade de poder entre os envolvidos).

Utilizou-se do mesmo procedimento para criação de indicadores de perfil dos envolvidos (agressores, vítimas, vítimas-agressoras e espectadores) e fatores associados (violência doméstica e social), para os quais analisou-se a correlação com o *bullying*. Considerou-se os aspectos sociodemográficos, como idade, sexo, raça/cor, escolaridade dos pais, renda per capita e tipo de configuração familiar. As formas e locais de ocorrência do *bullying* também foram analisados.

Os dados foram digitados por equipe treinada, em dupla entrada e analisados no *software Statistical Package for Social Ciences* – SPSS versão 2.1 e no *software R for Windows* versão 3.2.3.

Foram conduzidas análises quantitativas (descritivas e comparativas), análise bivariada de correlação de Pearson e teste qui-quadrado para k proporções ou qui-quadrado para homogeneidade. Considerou-se um nível de significância de 5%.

Para melhor orientação do leitor, o trabalho fora organizado em tópicos, possibilitando a priori a análise do referencial teórico o qual apresenta como locos de pesquisa o município de Betim, situado na região metropolitana da capital mineira – Belo Horizonte. Discorre também quanto aos impactos da violência sobre a juventude brasileira apresentando dados quanto as principais “causas externas” que vitimizam essa parcela da população. Alerta para a percepção e análise da violência simbólica, que conforme aponta Jessé Souza ancorado nas palavras de Pierre Bourdieu e em consonância com o debate levantado por Erving Goffman, apresenta-se como “gênese” das expressões de violência que visualmente perpassam o nosso cotidiano. Aborda de forma detalhada o fenômeno *bullying*, a evolução de suas definições, conceitos e percepções, desde a sua detecção em meados das décadas de 70 e 80 aos dias atuais. Para, além disso, identifica os atores envolvidos em situações de *bullying* de acordo com o perfil que assumem, os agravos decorrentes das manifestações e os fatores associados.

A seguir são apresentados os objetivos gerais e específicos do trabalho, o traçado metodológico que o orienta, bem como os resultados e discussões, sendo estes últimos elaborados em forma de artigo intitulado, “*Bullying*: contextualização da violência reproduzida entre adolescentes”.

Por fim, apresentam-se as considerações finais, o referencial bibliográfico, apêndices e anexos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Com base nos conceitos existentes acerca do fenômeno *bullying*, como aponta a literatura nacional e internacional, tem-se nesse momento o objetivo de contextualizá-lo frente as diversas formas de manifestação da violência, de modo especial, a violência simbólica.

2.1 Betim: *locus* do estudo

Situado na região metropolitana de Belo Horizonte, o município de Betim possui uma extensão territorial de 343,736 km, uma população de 378.089 habitantes dos quais 18,7% compreendem a faixa etária entre 10 e 19 anos, sendo 9,5% homens e 9,2% mulheres (IBGE, 2010).

Juntamente com a capital mineira, foi responsável por 21,5% do Produto Interno Bruto - PIB estadual no ano de 2011, ocupando a segunda posição no ranking das dez maiores economias mineiras (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2013).

Entre os anos de 2000 e 2010 a população de Betim cresceu a uma taxa média anual de 2,1%. Nesta mesma década, a taxa de urbanização do município passou de 97,2% para 99,2%. Para, além disso, Betim teve um crescimento de 22,3% no Índice de Desenvolvimento Humano - IDHM, passando de 0,612 em 2000 para 0,749 em 2010, motivo pelo qual é considerado um município na faixa de IDHM alto[1]. Dentre as dimensões que contribuíram para o aumento do IDHM estão a Longevidade, com índice de 0,864, seguida de Renda, 0,709, e da Educação, 0,687.

Neste mesmo período o índice de maior crescimento foi o da Educação, 0,222, o que explica as proporções favoráveis de crianças de 5 a 6 anos na escola, 92,3%, crianças de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental,

[1] Índice de desenvolvimento Humano – IDHM alto (entre 0,700 e 0,799).

90,1%, jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo, 68,4% e jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo, 46,4% (PNUD, Ipea e FJP, 2013).

Quanto à renda per capita, ocorreu no município de Betim um aumento de 109,8% no período que corresponde as duas últimas décadas, 1991 a 2010. Percebeu-se também no mesmo período uma redução na proporção de pessoas pobres, cuja renda per capita é inferior a R$ 140,00 (ano de referência 2010), passando de 36,4% em 1991 para 7% em 2010.

Contudo, no que tange aos indicadores de vulnerabilidade social, no ano de 2010 o município ainda apresentava altas taxas de crianças de 0 a 5 anos fora da escola, 57%, pessoas de 18 anos ou mais sem ensino fundamental completo e em ocupação informal, 27%, mães chefes de família sem ensino fundamental e com filho menor, no total de mães chefes de família, 18,1%, dentre outras (PNUD, Ipea e FJP, 2013).

A proteção à primeira infância e ao convívio familiar, a garantia de acesso e permanência de crianças e adolescentes na escola, bem como o cuidado e proteção do grupo familiar compõem um conjunto de estratégias capazes de impactar positivamente na vida dos cidadãos.

Para além disso, a análise dos dados acima apresentados nos possibilita corroborar as afirmações de Jessé Souza (2009), no que diz respeito à necessidade de pensar a promoção social e a oferta de qualidade de vida para além de fatores como o econômico e crescimento do Produto Interno Bruto – PIB nacional, estadual ou municipal.

Conforme aponta o autor, há na polarização entre Estado e Mercado e no reducionismo da resolução de questões sociais a partir do liberalismo econômico, o encobrimento de uma “violência simbólica", invisível, capaz de uma naturalização e legitimação da desigualdade social no Brasil contemporâneo. Abordaremos o tema de forma mais aprofundada no tópico 2.3.

2.2 Impactos da violência sobre a juventude brasileira

A Organização Mundial de Saúde (OMS), em seu relatório sobre a violência e a saúde, conceitua a violência como “uso intencional da força ou do poder real em ameaça contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que possa resultar em, ou tenha alta probabilidade de resultar em morte, lesão, dano psicológico, problema de desenvolvimento ou privação” (OMS, 2002).

Dado os significativos números de vítimas e a magnitude de suas sequelas físicas e emocionais, ao afetar a saúde individual e coletiva, a violência, torna-se para muitos países, como o Brasil, uma questão de saúde pública, e exige para o seu tratamento e prevenção à formulação de políticas públicas e estratégias de ação pertinentes ao setor saúde, dentre outros setores diversos.

De acordo com o Mapa da violência: os jovens do Brasil (2014), os homicídios são as principais causas de morte na população brasileira jovem, compreendida entre 15 e 29 anos, vitimando principalmente os jovens negros, do sexo masculino, moradores das periferias dos grandes centros urbanos. Para além dos homicídios, destacam-se também como causas de morte os acidentes de transito e suicídios.

Entre os anos de 1980 e 2012, percebe-se um forte crescimento nas taxas de homicídios na população jovem, iniciando-se aos 13 anos e atingindo o seu ápice aos 20. Em 2012 a taxa de homicídio por 100 mil habitantes no Brasil foi de 53,8% na faixa etária de 15 a 19 anos, 66,9% entre 20 e 24 anos e 55,5% entre 25 e 29 anos. Outro dado importante se refere a “cor” dos homicídios no Brasil, visto que na década que corresponde aos anos de 2002 a 2012 o número de homicídios de jovens negros subiu 32,4%, assim como a taxa 6,5%. Em contrapartida, o número de homicídios em jovens brancos caiu 32,3% corroborando com a taxa que se reduziu a 28,6% (Mapa da violência: os jovens do Brasil, 2014, p. 69,70,151).

No que tange aos acidentes de trânsito o Brasil ocupa a sétima posição em mortalidade juvenil por 100 mil habitantes em comparação a outros 101 países estudados. Chama também a atenção os achados quanto ao suicídio. Entre os anos

de 2000 a 2012, houve um aumento na taxa de suicídio de 40% por 100 mil habitantes na população com faixa etária entre 10 e 14 anos, 33,5% entre 15 e 19 anos e 18,1% entre 20 e 29 anos. Ressalta-se que as taxas de suicídio são maiores no sexo masculino em comparação ao sexo feminino (Mapa da violência: os jovens do Brasil, 2014, p.114).

Ao analisar os mesmos dados por unidades da federação, no período que compreende os anos de 2002 e 2012 o Estado de Minas Gerais apresentou um crescimento no número de homicídios na população jovem de 54,6%, já a taxa de homicídio por 100 mil habitantes nesse mesmo grupo populacional foi de 51,1%. O número de acidentes de transito no Estado, no referido período cresceu 55,6% na população jovem. Embora apresente uma taxa de suicídio de 17,5%, no mesmo período e grupo populacional, o estado de Minas Gerais encontra-se entre as seis unidades da federação cujas taxas de suicídio juvenil são consideradas negativas em comparação a taxa nacional (Mapa da violência: os jovens do Brasil, 2014).

Quanto ao município de Betim, este ocupou a sexagésima terceira posição nacional e quarta posição estadual nas taxas de homicídio por 100 mil habitantes, correspondente ao período de 2008 a 2012 entre os municípios que possuem mais de 100 mil jovens. Dentre os 100 municípios como mais de 50 mil habitantes e com as maiores taxas (por 100 mil) de homicídios na população total, entre os anos de 2010 e 2012, Betim apresentou taxas de 23,9% homicídios em brancos e 72,5% em negros (Mapa da violência: os jovens do Brasil, 2014).

As estatísticas acima apresentadas nos possibilitam a avaliação da magnitude e impacto da violência em especial na população jovem e nos convida ao entendimento “desta” em sua complexidade, enquanto questão social que atinge as normas do Estado e da sociedade, produzindo sequelas físicas e psicológicas, bem como reproduzindo sequelas sociais e culturais.

Denuncia as variadas formas de violência a qual diferentes grupos sociais estão relegados, dadas as suas características (idade, raça, cor, gênero, orientação sexual, condição socioeconômica) e simbologias (religiosidade, aspectos culturais).

Oprimidos e desrespeitados em suas singularidades, estes mesmos grupos sociais veem seus direitos, sua liberdade de existir, de viver e conviver, submetidos a uma condição pormenorizada frente a outros segmentos socialmente considerados dominantes.

2.3 Violência simbólica: para além do que se pode ver

Conforme Souza (2009), a violência simbólica deve ser entendida como a imposição e “projeção” da cultura (entendida como conjunto de práticas, valores, visões de mundo e hábitos) de um grupo sobre toda a sociedade, num processo social que legitima categorias culturais de uma classe dominante sobre outros grupos que tentam se adequar ao incorporar os modos de vida, visões de mundo e disposições mentais da classe dominante como se fossem “naturalmente” os seus.

Porém, como defende Bourdieu apud Nogueira (2014), o problema deste processo de reprodução social é que as classes dominadas não são capazes de reproduzir plenamente as categorias culturais dominantes (pois não são originalmente suas) e por isso assumem sempre uma condição cultural subalterna, empobrecida. Nesse sentido, a violência simbólica expressa a impossibilidade do indivíduo de uma classe social realizar de forma eficiente os objetivos legitimados socialmente, já que estes objetivos são produzidos e projetados pelas classes dominantes.

Como mostra Souza (2009) este é o caso paradigmático que define a condição desigual das estratégias de sobrevivência e sucesso escolar da classe trabalhadora. De fato, os adolescentes estudantes das classes populares procuram reproduzir categorias culturais externas às suas condições reais de sobrevivência, e nesse sentido, estes acabam estabelecendo como meta realizações efetivamente inalcançáveis – este é o melhor exemplo da violência simbólica operada cotidianamente pelo sistema escolar e que vai incidir pesadamente sobre as ações de violência física no ambiente da vida social destas pessoas.

Isto se torna ainda mais aparente nas escolas localizadas em regiões de maior pobreza, onde os objetivos legitimados socialmente pelo sistema escolar e a realidade vivida pela comunidade local são contraditórios e conflitantes. É no espaço escolar, que com grande frequência, os adolescentes extravasam suas angústias relativas à violência simbólica (que é um fato estruturante do cotidiano desses mesmos, mas dificilmente tornado consciente ou verbalizado) através do comportamento violento, com consequências físicas concretas, como forma de reproduzir as assimetrias culturais.

Desta forma, a escola legitima um processo de reprodução social das desigualdades entre os indivíduos nascidos para o sucesso e indivíduos nascidos para o fracasso, ao não perceber que o processo de competição e sucesso social não nasce necessariamente no espaço escolar, mas antes, surge no campo de formação e socialização da família, que posteriormente é imposto e projetado no ambiente escolar (SOUZA, 2009, p.18).

A essa socialização ou sistema de disposições duráveis estruturadas de acordo com o meio social dos sujeitos, campo social ao qual pertencem e atuam, que funciona como um princípio gerador e estruturador de suas práticas e representações, Bourdieu apud Nogueira (2014) conceitua como *habitus*.

Esse *habitus* faz com que o sujeito aja nas mais diversas situações sociais, como um membro típico de um grupo ou classe social que ocupa uma posição determinada nas estruturas sociais, colaborando assim, para reprodução das propriedades do seu grupo social de origem e a própria estrutura das posições sociais na qual foi formado (NOGUEIRA, 2014, p. 24-26). Contudo, no caso dos adolescentes oriundos de classes sociais subalternas, o que ocorre é a reprodução das disposições sociais (práticas e representações) das classes dominantes que os condena a uma sobrevivência imperfeita, condenada ao fracasso dado o paradoxo inerente da reprodução de metas e valores culturais alheios à formação e socialização no ambiente familiar original.

Seguindo o pensamento de Jessé Souza (2009), o reconhecimento de uma perspectiva dominante do economicismo, presente em todos os nichos sociais, e

associada ao processo de hierarquização social e simbólica, como fora proposto por Bourdieu apud Nogueira (2014), pode ajudar na compreensão do fato significativo de que a manutenção de uma hierarquia num sistema de dominação, isto é, a reprodução das desigualdades entre as classes termina por produzir privilégios destinados aos indivíduos oriundos das classes dominantes (que detêm o maior capital cultural) e produz resultados atrozes (como o fracasso escolar associado à violência física) para os membros das classes dominadas.

Este processo dominante sustenta-se especialmente a partir das condições estruturais garantidas pelo capital econômico (material) que, de certa forma, condiciona a eficácia do capital cultural (imaterial, *habitus* de classe), responsável pela transmissão de valores, heranças culturais, disposições sociais, emocionais e morais, que constituem uma “renda diferencial” entre indivíduos e classes (SOUZA, 2009, p.19).

Essa reprodução da desigualdade social a partir de consensos sociais regidos pelas classes dominantes, denunciada por Jessé Souza (2009) nos ajudam a compreender também a dinâmica das representações sociais sobre características individuais significativas que se associam mais facilmente à violência, tanto física quanto simbólica.

Aqui falamos daquelas representações negativas, ou estigmas, que produzem ou são produzidas a partir de um processo conflituoso de legitimação da diferença (ou da incapacidade de realização de uma meta estipulada socialmente).

Segundo Goffman (1988), “a sociedade estabelece os meios de categorização das pessoas e o total de atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada categoria”, e deste modo, pelo reconhecimento social da ausência de atributos comuns e naturais, ou seja, pelo efeito em negativo, estabelece as representações da ausência de maneira violenta através da atribuição de um estigma – de fato, o estigma é um estereótipo que destaca apenas as ausências de atributos comuns a uma categoria social (GOFFMAN, 1988, p.11). Ressalta-se aqui o peso cultural de tais atributos, visto que seu aspecto positivo ou negativo varia de acordo com a legitimação ocorrida no ambiente social.

Para Goffman (1988), a partir desse consenso social, são construídos para o indivíduo, em especial aquele que nos parece estranho, uma identidade social virtual (aquilo que se espera que ele seja) e uma identidade social real (aquilo que o indivíduo realmente é dada a categoria e atributos que prova possuir).
Deste modo, quando os atributos são socialmente considerados negativos, cria-se em torno do indivíduo, o que Goffman caracteriza como estigma, motivo pelo qual este será considerado membro de uma categoria inferior, fadada à exclusão por parte daqueles que não se afastam negativamente das expectativas sociais, os ditos “normais”.

Ao analisar o processo de formação da identidade adolescente, à luz de sua “teoria orgânica do desenvolvimento da personalidade” Erikson (1986), afirma que:

> A formação de identidade requer um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis de funcionamento mental e pelo qual o indivíduo se julga à luz daquilo que percebem ser a forma como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles. Ao mesmo tempo, ele julga a maneira como os outros o julgam, de acordo com o modo como ele se vê, em comparação com os demais e com os tipos que se tornam importantes para ele (ERIKSON, 1968, p. 22, 23).

Nesse sentido, valendo-se das palavras de Erikson, podemos inferir que os atributos e/ou estigmas apresentados por Goffman, impactam de forma negativa na vida dos adolescentes, os quais se encontram em uma fase peculiar do desenvolvimento humano, quando que na busca pela construção de sua identidade se afastam das relações verticais e hierárquicas, oriundas das redes primárias de socialização (família) e buscam por relações sociais horizontais, ou seja, relações entre pares (NASCIMENTO, 2013).

2.4 Adolescência e cultura de pares

Tão importante quanto a infância e a fase a adulta, a adolescência, palavra derivada de *adolescere*, verbo latino que significa crescimento ou tem o sentido de “crescer

até a maturidade", é percebida por várias áreas do saber, como um período necessário e único para o desenvolvimento humano.

De acordo com Araújo (2008), numa visão sociológica, a adolescência depende da inserção do indivíduo em determinada cultura, já para o Direito o conceito de adolescência pauta-se em questões afetas a menor e maioridade, conforme legislação vigente.

Para Vygotsky apud Menezes e Nascimento (2013), a adolescência é denominada como "*edad* de *transición*", momento no desenvolvimento humano investigado a partir das variáveis concretas que descrevem suas principais ocorrências: a maturação sexual, a constituição de novos interesses e a ampliação das funções psíquicas superiores (memória, atenção e percepção).

A luz de uma perspectiva cronológica, a adolescência constitui um intervalo entre a infância e a fase adulta, correspondendo a etapa de vida entre 10 e 19 anos, período em que ocorre um complexo processo de crescimento, marcado pela aceleração do desenvolvimento biopsicossocial e da personalidade humana. É a partir da puberdade e da ocorrência de fenômenos de natureza biológica advindos de uma reorganização hormonal que o sujeito aos poucos se percebe possuidor de um novo corpo, dotado de novas sensações.

Conforme apontam Ciampa e Blos apud Rena (2006), o processo de adolescer implica no reconhecimento desse novo corpo em torno do qual se organizam as identidades, como constructos sociais que têm impacto sobre a vida do indivíduo e sua sociedade (RENA, 2006, p.31). É neste contexto que surge a necessidade de construção de uma nova identidade, o desenvolvimento de novos papéis sociais, o afastamento do grupo familiar e a aproximação dos grupos de pares (ARAÚJO, 2008).

Para Nascimento, citando (Oliveira, apud Stengel, 2003), o jogo da semelhança e da diferença é um dos elementos importantes para a consolidação do sentimento de identidade. A percepção que o indivíduo faz de si, articula-se de um lado, do eu

consigo mesmo, e do outro, do eu com os diversos grupos sociais com os quais se relaciona.

A partir da análise de diferentes estudos em diferentes culturas acerca da infância e pré-adolescência, Corsaro (2011), identificou através de brincadeiras, jogos e envolvimento das crianças em rituais e celebrações públicas, que em meados do século XIV, estas já criavam e participavam de culturas de pares, como estratégias para dar sentido, bem como desafiar a autoridade e resistir ao mundo adulto, se valorizando como agentes ativos de suas culturas.

Assim como as crianças, os adolescentes ingressam e se tornam participantes e colaboradores de uma cultura de pares quando se afastam do âmbito familiar para outros espaços sociais. Contudo, em ambos os casos se percebe que as experiências vivenciadas no passado, advindas das interações pais e filhos e da família como um todo através dos laços emocionais e sentimentos de segurança, são fatores preponderantes para criação de uma cultura de pares, quando que o participante dessa cultura, busca no processo de identificação com o seu semelhante uma forma de manutenção das experiências vividas (CORSARO, 2011, p. 132).

Tal afirmação vai de encontro aos achados de Saito e Silva apud Araújo (2008) ao pontuarem que a família funciona como primeiro grupo de referência do ser humano e certamente vai influenciar sua inserção em outros. Para as autoras, os adolescentes tendem a buscar e se vincular a amigos e grupos de pares que espelham seus próprios valores. Nesse sentido, a família possui uma grande influência sobre essa escolha.

No decorrer do processo de ruptura com o grupo familiar os adolescentes que hora apresentavam um sentimento de dependência dos pais, convergem tal sentimento para seus semelhantes. As regras e normas estabelecidas no grupo de pares tornam-se mais valoráveis que as parentais, bem como superam a dimensão individual do sujeito adolescente. Ressalta-se que tal regulação relaciona-se à moda, estilos de roupas, costumes, padronização de condutas em relação a orientação sexual, inclusão e exclusão dos membros do grupo, permissão ou não

para construção de novas relações, dentre outras práticas. Esses marcadores sociais, fortalecem a cultura de pares e são vistos como atributos essenciais para o estabelecimento de relações mais íntimas entre os adolescentes, como os laços de amizade (NASCIMENTO, 2009).

Por vivenciarem o mesmo processo de desenvolvimento, questionamentos e conflitos, o compartilhamento e busca de soluções conjuntas fortalece a autoestima de cada adolescente, contudo a fragilidade emocional e necessidade de suporte, torna-os cada vez mais suscetíveis as regras do grupo. No decorrer do processo de construção da identidade e independência, o qual perpassa o questionamento da autoridade adulta, regras institucionais e socais e o distanciamento familiar, é no grupo de pares que o adolescente satisfará a sua necessidade de pertencimento, fortalecendo os vínculos e a cultura existente (ARAÚJO, 2008).

Conforme Oliva apud Nascimento (2009) e Chipkevitch apud Araújo (2008) a tendência grupal varia tanto de acordo com a faixa etária quanto com as questões de gênero. Este último descreve importantes observações acerca da adolescência, bem como a divide em 3 fases, a saber; inicial (10 aos 13 anos), média (14 aos 16 anos) e final (17 aos 20 anos). Nos estudos apresentados por Corsaro (2011), acerca das culturas de pares infantis e pré-adolescentes, para além das divisões grupais alicerçadas nas questões de gênero, o autor apresenta diferenciações também relacionadas a status e raça.

Ainda de acordo com Oliva apud Nascimento (2009) e Chipkevitch apud Araújo (2008), na fase inicial a suscetibilidade a pressão grupal é maior. Os grupos são unissexuais e mais numerosos entre os meninos. Enquanto os grupos femininos constituem-se de relações mais intimas, nos grupos masculinos estas relações norteiam-se pela resistência a autoridade adulta. Já na fase média, além de mais numerosos os grupos tornam-se também heterogêneos, orientados para uma interação heterossexual. As relações afetivas são fortalecidas proporcionando maior suporte aos indivíduos perante a situações conflituosas. Na fase final, os grupos diminuem, dada a formação de pequenos grupos com uma maior interação entre os sexos (namoros). As relações tornam-se mais profundas e significativas, em

contrapartida as normas grupais já não são tão valorizadas, caracterizando um processo de diferenciação do grupo e consolidação de uma identidade.

A literatura aponta que grande são os benefícios oriundos das culturas de pares e inserção dos adolescentes nos grupos, dada a fase peculiar de desenvolvimento a qual enfrentam, principalmente por se encontrarem em uma mesma condição, o que facilita as trocas, compartilhamentos e apoio mútuo entre os mesmos. Muitas vezes, as experiências e relações vivenciadas no interior do grupo nortearão os diferentes papéis sociais que os adolescentes desempenharão na fase adulta.

Contudo, conforme sinaliza Araújo (2008), os grupos nem sempre possuem um caráter integrativo e/ou promovem a integração da personalidade, solidariedade e continuidade do sistema social, oferecendo aos seus integrantes fatores de risco e agravos dos mais variados tipos. Por serem bastante influenciáveis, principalmente nos primeiros anos que compreendem a adolescência, os jovens que, para serem inclusos em determinados grupos, assumem os comportamentos de seus pares sem estarem preparados, correm o risco de adotar atitudes e experimentações cujo senso de pertencimento e divisão da responsabilidade entre os mesmos, os farão subestimar as consequências futuras (ARAÚJO, 2008).

Outra reflexão importante faz-se quanto aos marcadores sociais que orientam os adolescentes no processo de identificação e construção de suas relações a partir de fatores socioeconômicos e culturais semelhantes aos seus, o que os leva a restringir seu campo relacional e excluir os demais sujeitos que na sua concepção se apresentam como diferentes e/ou desiguais. Nesse sentido, frente a necessidade de convivência com os diferentes tipos de adolescentes em espaços públicos como os escolares, e da dificuldade de interação com o “desigual”, emergem questões como preconceito, exclusão e atos violentos (NASCIMENTO, 2009).

Tais constatações alinham-se ao discurso de Souza (2009) e Goffman (1988), quando nos apresentam a ideia de uma naturalização social das desigualdades em oposição ao que seria uma naturalização social das diferenças, o que poderia levar a um processo social mais simétrico e plural na sociedade. Com esta constatação, somada as experiências vivenciadas pelos adolescentes em suas culturas de pares

(produzidas e compartilhadas principalmente por meio da interação presencial), podemos definir uma das matrizes da produção e reprodução social da violência expressa em manifestações como o *bullying*, nosso objeto de estudo.

2.5 *Bullying*

A palavra *bullying* (do inglês *bully*, termo usado para se referir ao agente do *bullying*, ou agressor) geralmente é utilizada para denominar o conjunto de atitudes agressivas de uma ou mais crianças/adolescentes para com outro, sem motivação aparente. Caracteriza-se por sua recorrência e pela desigualdade de poder entre agressor e agredido.

Embora os principais estudos refiram-se as ocorrências no ambiente escolar, o *bullying* está presente em todos os espaços onde existam relações interpessoais como nos ambientes de trabalho, familiares e comunitários, podendo ser determinado por outros termos como *mobbing*, que no Brasil define-se como assédio moral (FANTE; PEDRA, 2008).

Considera-se um fenômeno novo, dado o crescente interesse contemporâneo pelo tema, e ao mesmo tempo velho, por se tratar de uma expressão da violência que sempre esteve presente, principalmente nos ambientes escolares. Os primeiros estudos datam da década de 80, através das pesquisas pioneiras realizadas pelo professor e pesquisador norueguês Dan Olweus.

Conforme Fante e Pedra (2008), pesquisas realizadas por Dan Olweus (1991), na Noruega, demonstraram que 1 em cada 7 estudantes estavam envolvidos em casos de *bullying*, na condição de vítimas ou de agressores. Estes números correspondem a 15% dos estudantes matriculados na educação básica do referido país naquele período.

No Brasil o *bullying* ainda é pouco estudado de forma sistemática. Contudo, destacam-se os estudos pioneiros de Marta Canfield (1997), Cleo Fante (2000) e da

Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência – ABRAPIA (2002).

Segundo Fante e Pedra (2008), estudos realizados pela ABRAPIA, em 2002, no município do Rio de Janeiro, demonstraram que em um universo de 5.875 alunos, 40,5% estavam envolvidos em casos de *bullying*, sendo 17% vítimas, 13% agressores e 11% vítimas-agressoras.

Dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar/2009 - PeNSE, que possibilitou identificar e descrever a ocorrência de *bullying* entre estudantes do 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas e privadas das 26 capitais dos estados brasileiros e do Distrito Federal, apontaram que dos 60.973 alunos entrevistados, 62,9% relataram que não sofreram bullying, 25,4% que raramente sofreram e 5,4% que sempre sofreram. Quanto à frequência de "sempre sofrer *bullying*" em escolas públicas, foram encontradas frequências acima da média das capitais na cidade de Belo Horizonte, 7,1%. A capital mineira também apresentou a maior frequência de *bullying* dentre as demais, 6,9% (MALTA, SILVA, MELLO, MONTEIRO, SARDINHA, CRESPO, CARVALHO, SILVA E PORTO, 2010).

2.6 Conceito, definição e formas de expressão do fenômeno *bullying*

Caracterizado pela presença de atitudes agressivas, repetitivas e intencionais, sem motivação aparente, perpetradas por um ou mais alunos contra outros, o *bullying*, conforme sinaliza Fante (2005), tornou-se um problema de saúde pública, visto que acarreta para todos os envolvidos consequências negativas e duradouras, como problemas psicológicos, fobia social, comportamentos agressivos e delinquentes.

Pioneiro nos estudos acerca do *bullying*, em países como a Noruega e Suécia, Dan Olweus define este fenômeno como um conjunto de comportamentos físicos e/ou verbais que um aluno, de forma hostil e abusando de um poder real ou fictício, dirige contra outro, repetidamente, com a intenção de causar-lhe danos (OLWEUS, 1993).

No Quadro 1, que toma por base a tabela original de Crhis Lees, Silva (2012) apresenta a evolução cronológica da definição do fenômeno *bullying* na visão de diferentes autores:

QUADRO 1 – Evolução cronológica das definições, conceitos e percepções sobre o fenômeno *bullying*

Autor e data	**Definições/Conceito/Percepções sobre o *bullying***	**Aspectos relevantes na definição/conceito**
Olweus (1986) Olweus (1991)	Um aluno está sofrendo *bullying* ou sendo vitimizado quando é exposto, repetidamente e durante um tempo, a ações negativas por parte de um ou mais alunos. Esta definição carrega consigo a noção de repetição do evento, de continuidade e da negatividade da ação.	Repetição, continuidade, ações negativas
Tattum (1989)	*Bullying* é o desejo intencional e consciente de ferir alguém e colocá-lo sob estresse. Pode ser ocasional e de curta duração ou pode ser regular e de longa duração. Este conceito apresenta uma ideia de intencionalidade e da possível repetição do evento.	A intenção por trás do *bullying*, ser uma ação esporádica ou algo mais substancial
Askew (1989)	Um *continuum* de comportamento que envolve obter poder e domínio sobre outro. A definição refere-se a repetição do evento e a busca de poder do agressor sob a vítima.	Conceito de *continuum*, busca de poder

Johnstone, Munn e Edwards (1992)	O *bullying* é o desejo consciente e intencional de ferir ou ameaçar ou assustar alguém. Para fazer isto, o *bully* tem que possuir algum tipo de poder sobre a vítima, um poder nem sempre identificado pelo professor.	Intenção do *bully*, poder sobre a vítima, os professores não identificam este poder
Bowers, Smith e Bnney (1994)	O *Bullying* ocorre de forma sistemática, repetidamente, e abrange uma série de ações que machucam, incluindo apelidos, exclusão social, tirar dinheiro ou pertences bem como formas físicas mais óbvias como bater e chutar. Essa definição traz consigo a natureza repetitiva e sistemática do *bullying* bem como as variadas formas pelas quais se expressa.	Natureza repetitiva e sistemática do *bullying*, variedade de comportamentos que podem ser incluídos
DfE (1994)	É um comportamento deliberadamente prejudicial: é repetido durante um período de tempo; é difícil para aqueles que estão sofrendo se defenderem. Considera a noção de duração e repetição do evento, bem como a falta de condições da vítima para cessá-lo.	Repetição, duração da ação, falta de poder da vítima
Heald (1994)	(Definição legal na Inglaterra) – É uma violência duradoura, física ou psicológica, de um indivíduo ou grupo dirigida contra alguém que não é capaz de se defender na situação real, com um desejo consciente de ferir, ameaçar ou assustar o indivíduo e colocá-lo sob estresse. Essa concepção apresenta as formas de manifestação do evento e denuncia uma desigualdade de poder entre os atores	Físico ou psicológico, intencional, desigualdade de poder

	envolvidos.	
Herbert (1996)	*Bullying* é uma forma de ser horrível e cruel com outra criança ou grupo de crianças. Pode acontecer uma só vez ou se repetir. A vítima pode achar o comportamento constrangedor, doloroso ou humilhante, e se sentir amedrontada ou ameaçada por ele. O *bully* pode não perceber isto. Considera os prejuízos acarretados para a vítima.	Contra indivíduos, ação única ou repetida, resposta de sofrimento da vítima é significativa
Rigby (1996)	*Bullying* é opressão repetida, psicológica ou física, de uma pessoa menos poderosa por uma pessoa ou grupo de pessoas mais poderosas. Apresenta um conceito de repetição do evento e denuncia uma desigualdade de poder entre os atores envolvidos.	Repetição, desigualdade de poder entre o *bully* e a vítima
Dodge e Coie (1998)	*Bullying* é uma forma de agressão proativa, em que o *bully* sem ser provocado inicia comportamentos de *bullying*. Trás consigo a ideia da ausência de motivação apara ocorrência do evento.	Agressão proativa
Lopes Neto e Saavedra (2003)	Atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder, tornando possível a intimidação da vítima. Considera a intencionalidade e repetição do evento, denuncia uma desigualdade de poder entre os envolvidos e os	Intencional, repetitivo, desigualdade de poder, sofrimento da vítima

	prejuízos aos quais a vítima está exposta.	
Constantini (2004)	Comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com uma vítima predestinada. Transmite a ideia de transgressão individual ou grupal, a noção de continuidade e as formas pelas quais o evento se manifesta.	Agressão e transgressão, continuidade, individual ou de grupo
Shore (2005)	*Bullying* ocorre tipicamente quando uma criança mais forte ou mais poderosa intencional e repetidamente fere, ameaça ou atormenta uma criança mais vulnerável. Existem, portanto, três características no *bullying*: é deliberado/intencional, acontece mais de uma vez, e há uma marcante desigualdade de poder entre o *bully* e a vítima. Este conceito apresenta a noção de intencionalidade na ocorrência do evento, de repetição e da existência de uma desigualdade de poder entre vítima e agressor.	Deliberado, intencional, desigualdade de poder, repetição

Elencados os conceitos, percebe-se entre estes uma complementaridade, embora a definição do fenômeno *bullying* não se altere frente à primeira concepção apresentada por Dan Olweus. Corroborando o alinhamento de tais conceitos, Fante (2005) afirma que:

> Os atos de *bullying* entre os alunos apresentam determinadas características comuns: são comportamentos produzidos de forma repetitiva num período prolongado de tempo contra uma mesma vítima; apresentam uma relação de desigualdade de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ocorrem sem motivações evidentes; são comportamentos deliberados e danosos (FANTE, 2005).

Nesse sentido, o *bullying* pode incidir de duas formas: direta, “que inclui agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences), e verbais, (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger)”; e indireta, “através da disseminação de rumores desagradáveis e desqualificadores, visando à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social” (FANTE, 2005).

Para além das expressões de *bullying* já citadas, verbal, físico e psicológico, ressalta-se o *Cyberbullying* que, segundo Silva (2012), baseada nas afirmações de Bill Belsey (2011), define-se como o uso de tecnologias de informação e comunicação para apoiar comportamento deliberado, repetido e hostil por um indivíduo ou grupo, com a intenção de prejudicar outros. O *Cyberbullying* assume diferentes características devido aos meios que utiliza; anonimato, plateia infinita, rapidez na divulgação e permanência da expressão.

Estudo realizado por Zaine, Reis e Padovani (2010), no qual se investigou o comportamento de *bullying* em 16 adolescentes do sexo masculino “em conflito com a lei, que cumpriam medidas socioeducativas em regime de semiliberdade e liberdade assistida em uma cidade do interior do Estado de São Paulo”, revelou que dentre as ocorrências de *bullying* sofrido encontram-se: ameaças físicas individuais (56,2%), rumores falsos espalhados a respeito de alguém (56,2%), ameaças físicas com objetos (43,7%) e xingamentos e brincadeiras desagradáveis (43,7%). Quanto a autoria de *bullying*, as formas mais relatadas “foram agredir fisicamente colegas com chutes e empurrões (81,2%), “xingar” e fazer brincadeiras desagradáveis a outros (62,5%) e ameaçar de maneira física um colega (56,2%)”.

No ambiente escolar as manifestações de *bullying* ocorrem principalmente em espaços como as salas de aula e o pátio do recreio. Ressalta-se que as formas pelas quais se manifesta alteram-se de acordo com a idade dos envolvidos. Nesse sentido, em crianças menores, com grau escolar compreendido entre os ciclos

iniciais e a 4ª série, as condutas de *bullying* são mais perceptíveis, caracterizam-se pelos maus-tratos físicos associados a ameaças, chantagens, comportamento abusivo e imposição de autoridade através da força física e ameaças psicológicas. As áreas comuns das escolas, como o pátio do recreio, são os locais de maior incidência. Da 5ª série em diante as condutas de *bullying* geralmente se dão através da linguagem visual, gestual e corporal. Expressam-se através de ameaças, apelidos, difamações, discriminações, ofensas, furtos, abusos sexuais, indução aos maus-tratos e à exclusão da vítima do grupo social. Ocorrem principalmente no exterior da escola, tornando-se mais difícil a sua detecção. Assim como nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio, a maioria dos maus-tratos acontece de forma disfarçada, através de apelidos, ofensas, ameaças e brigas dentro e fora da escola (FANTE, 2005).

Embora as condutas de *bullying* se façam mais presentes entre as crianças e adolescentes do sexo masculino, chama a atenção a crescente participação das meninas na proliferação desse fenômeno. Dentre as condutas por estas apresentadas encontram-se a propagação de rumores, comentários maldosos, acusações e ofensas morais, objetivando, sobretudo, a exclusão da vítima do convívio grupal e a interrupção de suas amizades. Não obstante, as meninas vêm copiando as condutas agressivas dos meninos, praticando maus-tratos físicos como forma de demonstração de poder em seus grupos sociais, atos praticados principalmente na escola.

2.7 Protagonistas do fenômeno *bullying*

A literatura, principalmente a internacional, alerta para os altos índices de indivíduos envolvidos nas ocorrências de *bullying*. Indiferente do envolvimento, direto ou indireto, em todos os casos as consequências são significativas. Os adolescentes envolvidos assumem diferentes perfis como o de vítima, agressor, vítima-agressora e espectador. Para além destes envolvidos, outros atores como pais, professores e corpo diretivo das escolas tornam-se elementos importantes no contexto onde o

bullying se manifesta, pois, suas atitudes frente aos eventos contribuem para a manutenção, minimização ou expansão do fenômeno (FANTE, 2005).

As vítimas de *bullying*, geralmente, são crianças que apresentam características diferentes das demais, no que tange a raça, a problemas escolares, crianças autistas; com necessidades especiais de saúde ou doenças crônicas; obesas; adolescentes gays ou que estão questionando sua sexualidade: meninos percebidos como “muito femininos” ou meninas como “muito masculinas” (SILVA, 2012). Vários estudos apontam que crianças com alguma deficiência, visíveis ou não, são mais propensas a serem vítimas de *bullying*.

Conforme sinaliza Fante (2005) as vítimas subdividem-se em:

- Vítima típica: indivíduo (ou grupo de indivíduos), geralmente pouco sociável, que sofre repetidamente as consequências dos comportamentos agressivos de outros e que não dispõe de recursos, status ou habilidades para reagir ou fazer cessar essas condutas prejudiciais. A vítima típica sente dificuldades de impor-se ao grupo, tanto física como verbalmente, e tem uma conduta habitual não agressiva, motivo pelo qual parece denunciar ao agressor que não irá revidar se atacada e que é “presa fácil” para os seus abusos.
- Vítima provocadora: aquela que provoca e atrai reações agressivas contra as quais não consegue lidar com eficiência; pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensora; e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra.
- Vítima-agressora: aquela que reproduz os maus-tratos sofridos. A vítima agressora é aquele aluno que, tendo passado por situações de sofrimento na escola, tende a buscar indivíduos mais frágeis que ele para transformá-los em bodes expiatórios, na tentativa de transferir os maus-tratos sofridos.

Para Silva (2012) as vítimas-agressoras demonstram um comportamento mais externalizado, são mais hiperativos, apresentam níveis mais altos de depressão, têm notas mais baixas e são vistos por seus professores como os alunos menos engajados. Representam o grupo que corre mais riscos visto que sua motivação vem de sua experiência como vítima. Não agem pelo desejo simplesmente de obter poder e respeito de seus colegas, mas são motivados pela raiva e vingança por já ter sofrido *bullying*. Têm mais chances de se envolver em brigas, portar armas, abandonar a escola, beber e praticar atos de vandalismo.

Estudos empíricos realizados por Vieira, Mendes e Guimarães (2009) acerca do fenômeno conhecido como *School Shooting* (em uma tradução aproximada: tiroteios na escola), quanto ao desenvolvimento dos protagonistas dos massacres, como os ocorridos na *Columbine High School*, na cidade de Littleton, Colorado, nos Estados Unidos, em 1999 e na Virginia *Polytechnic Institute and State University*, 2007, apontam relatos de que tanto em Columbine como na Virginia Tech, o ambiente escolar era altamente competitivo, marcado pela prática do *bullying* e pela falta de efetividade de professores e diretores para intervir junto às ocorrências do fenômeno.

Eventos semelhantes ocorreram no Brasil em janeiro de 2003, na cidade de Taiúva, interior do Estado de São Paulo e em fevereiro de 2004, na cidade de Remanso, interior Baiano. Em ambos os casos um número significativo de pessoas ficou ferida, outras duas vieram a óbito, dentre elas um atirador, que após disparar contra oito pessoas na escola em que estudou, suicidou-se (FANTE, 2005).

Dependendo das características individuais de cada vítima de *bullying*, bem como da sua habilidade de se relacionar consigo mesma, com o meio social e, sobretudo, com a sua família, esta pode ou não superar os traumas causados pelo fenômeno.

De acordo com Silva (2012) a não superação do trauma poderá desencadear processos prejudiciais ao seu desenvolvimento psíquico. Isso afetará o seu comportamento e a construção dos seus pensamentos e de sua inteligência, “gerando sentimentos negativos e pensamentos de vingança, baixa autoestima, dificuldades de aprendizagem, queda do rendimento escolar, podendo desenvolver transtornos mentais e psicopatologias graves”, além de sintomatologia e doenças psicossomáticas, transformando-a em um adulto com dificuldade de relacionamentos e com outros graves problemas. “Poderá também desenvolver comportamentos agressivos ou depressivos e, ainda, sofrer ou praticar *bullying* no seu local de trabalho, em fases posteriores da vida” (SILVA, 2012).

Ainda de acordo com Fante (2005), o agressor ou *bully* “de ambos os sexos, costuma ser um indivíduo que manifesta pouca empatia”. Frequentemente é

membro de família desorganizada, em que existe pouco ou nenhum relacionamento de cunho afetivo.

> Os pais ou responsáveis exercem supervisão deficitária e oferecem comportamentos agressivos ou violentos como modelos para solucionar os conflitos. Ele sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça de conseguir aquilo a que se propõe (FANTE, 2005).

Nesse sentido, é possível afirmar que, na maior parte das vezes, o agressor/*bully* é vítima em outros ambientes, seja de maus tratos, da falta de imposição de limites ou de um ambiente acolhedor.

Como consequência de sua conduta, o agressor está propenso a adotar, posteriormente, comportamentos delinquentes, tais como: agressividade, porte ilegal de armas, furtos, inserção em gangues, imposição de seus desejos através de atos violentos, indiferença à realidade que o cerca, crença de que deve levar vantagem em tudo (FANTE, 2005).

Quanto ao espectador, Fante (2005) o define como o aluno “que presencia o *bullying*, porém não o sofre nem o pratica”. Representa a maioria dos alunos “que convive com o problema e adota a lei do silêncio por temer se transformar em novo alvo para o agressor”. Segundo Silva (2012), citando Colorosso, como autora do livro *The Bully, the Bullied and the Bystander*, os espectadores são o elenco de apoio para o *bully* entrar em cena, ajudando-o e incitando-o através de atos de omissão ou de envolvimento. Embora não estejam envolvidos diretamente nas condutas de *bullying* os espectadores, ao observarem continuamente esse comportamento, podem se sentir inseguros no ambiente escolar, dada à possibilidade de se tornarem vítimas, o que pode influenciar a sua capacidade e progresso acadêmico e social.

Das quatro investigações realizadas pela pesquisadora Cléo Fante, entre os anos de 2000 e 2003, totalizando 1761 alunos de escolas públicas e privadas do interior de São Paulo, cujas amostras variaram entre 430 e 450 indivíduos, mais de 40% dos alunos estavam envolvidos em comportamentos de *bullying*, como vítimas (de 18% a

24%), agressores (8% a 22%) e vítimas-agressoras (de 9% a 19%). Dentre os fatores determinantes da ocorrência de *bullying*, 87% dos alunos envolvidos acreditam que os maus-tratos entre os companheiros podem ser consequência direta da violência doméstica, reproduzida na escola; 49,4% a 82% disseram que costumam reproduzir a violência sofrida contra outros colegas; e 87% acreditam que, por causa do autoritarismo dos pais, o filho tem que impor sua autoridade sobre outrem (FANTE, 2005).

Um estudo realizado a partir da revisão bibliográfica de 59 artigos que apresentam a violência doméstica como fator de risco para *bullying*, constatou que referente aos papéis de atuação de crianças e adolescentes nas situações de violência doméstica (VD) ou familiar e *bullying*, em 35,5% (n=21) das publicações a atuação das crianças e adolescentes nas ocorrências de *bullying* eram como vítimas-agressoras quando pelo menos presenciavam (vítima indireta) situações de violência doméstica; em 25,4% (n=15) eram *bullies* (agressores de *bullying*) quando vítimas diretas de VD; em 15,2% (n=9) dos artigos eram vítimas de *bullying* quando vítimas diretas e/ou indiretas de violência doméstica ou familiar; em outros 15,2% (n=9) eram, simultaneamente, vítimas diretas de VD e de *bullying*; e em 8,4% (n=5) eram vítimas diretas de VD e agressoras de *bullying* (LOURENÇO; SENRA, 2012).

Ainda de acordo com os estudos realizados por Carillo e Martínez (2013), há associação entre agressão verbal, castigo físico por parte dos pais, agressão física entre vizinhos, presença de disfunção familiar moderada e ser vítima de *bullying*.

Considera-se também como fator de risco para ocorrência de *bullying* a pouca atenção dos pais frente aos relatos de maus-tratos escolares sofridos e/ou perpetrados por seus filhos, a incapacidade dos professores de lidarem com a situação bem como o processo de negação destes e do corpo diretivo das escolas quando indagados sobre a presença do fenômeno *bullying* nos espaços escolares aos quais pertencem.

No Brasil, dentre as estratégias de intervenção ao *bullying* encontram-se a Lei nº. 5.824/2010 e a Lei nº. 6.401/2013, ambas instituídas no Estado do Rio de Janeiro. A primeira determina a obrigatoriedade de informação ao Conselho Tutelar local, por

parte das escolas da rede pública e privada, quando da exposição de crianças e adolescentes a situações de violência, incluindo as práticas de *bullying*. A segunda institui a primeira semana do mês de abril como de combate ao *bullying* e ao *cyberbullying* (BRITO; SOARES, 2015, CANAVÊZ, 2015). A nível nacional a promulgação da Lei 13.185/2015 instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*).

No que tange ao município de Betim – MG, a partir da efetivação do Programa Saúde na Escola – PSE, política intersetorial do Ministério da Saúde e da Educação, instituída pelo Decreto Presidencial nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007 com vistas à atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e jovens e à educação em saúde, ações com ênfase no tema prevenção da violência e promoção da paz, têm contribuído para a prevenção e minimização dos agravos decorrentes da exposição à situações de *bullying*.

Conforme estudo realizado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância – INICEF, “programas que promovem apoio psicossocial na escola, integrados à intersetorialidade, são eficazes em promover saúde e manter o bem-estar entre jovens” (PIGOZZI e MACHADO, 2014).

Frente ao exposto, é de suma importância realizar pesquisas acerca das ocorrências de *bullying* nos diferentes espaços sociais, bem como correlacionar os fatores de risco associados ao fenômeno com vista a criar e implementar estratégias de prevenção.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Conhecer a prevalência de *bullying*, suas características e fatores associados nos adolescentes do município de Betim – Minas Gerais.

3.2 Objetivos Específicos

1. Investigar os fatores associados à reprodução da violência através do *bullying*.
2. Identificar o perfil dos adolescentes envolvidos com a prática de *bullying*, referente à condição de vítima, agressor, vítima-agressor e espectador.
3. Identificar as formas de *bullying* presentes e os locais de ocorrência.

4 MÉTODOS

4.1 Delineamento, local e período de estudo

Trata-se de um estudo transversal, realizado na cidade de Betim, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, no ano de 2014. Ressalta-se que o estudo em questão é parte integrante do projeto de pesquisa “Saúde e Violência: Subsídios para Formulação de Políticas Públicas de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência – SAUVI”, elaborado por professores orientadores e mestrandos do Mestrado Profissional de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais – COEP UFMG (Anexo II).

A pesquisa SAUVI, caracterizada como um inquérito de base populacional, tem por objetivo investigar o perfil da violência e sua dinâmica, seus determinantes, sua distribuição geográfica e suas formas de enfrentamento em diferentes grupos populacionais, nos Municípios de Belo Horizonte, Betim, Ribeirão das Neves e Sete Lagoas, cujos resultados encontrados subsidiarão a elaboração das dissertações dos respectivos mestrandos, conforme os recortes de seus interesses.

Alinhado ao traçado metodológico da pesquisa SAUVI, o presente estudo visa compreender como ocorre o fenômeno bullying entre os adolescentes e qual a relação deste com a reprodução social da violência. Nesse sentido investiga a prevalência de *bullying* nos adolescentes residentes no município de Betim, o perfil dos atores envolvidos, fatores associados, bem como suas formas de desenvolvimento em diferentes espaços sociais. Emerge da consideração hipotética acerca das ocorrências de *bullying* entre os adolescentes, enquanto uma reprodução social da violência.

Conforme apontando anteriormente, os dados são oriundos da pesquisa SAUVI, que considerou como população alvo todas as pessoas com 20 ou mais anos de idade residentes nos 1280 domicílios particulares permanentes e localizados em setores

censitários urbanos do município de Betim (espaço amostral com grau de confiança de 95% e uma margem de erro de no máximo 1,9%). O tamanho da amostra foi calculado levando em consideração os dados da pesquisa de vitimização sobre violência doméstica para alguns municípios da região metropolitana de Belo Horizonte, realizada em 2006, pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública – CRISP da UFMG.

Os respondentes foram selecionados através do método de amostragem estratificada por conglomerados de acordo com os seguintes estágios: setores censitários, domicílios, respondente. Para a seleção do respondente no domicílio foram utilizadas as tabelas de Kish[2], com vistas a garantir a homogeneidade entre sexo e idade de acordo com a amostra.

Para além da pessoa selecionada no domicílio, foram também identificados como respondentes os idosos e adolescentes que integravam o grupo familiar, para os quais construiu-se um instrumental (questionário) específico.

A aplicação dos questionários se deu no período de julho a novembro de 2014, por equipe previamente treinada, e investigou as ocorrências de violência com base nos 12 meses anteriores.

4.2 Instrumentos e coleta de dados

Para realização da pesquisa construiu-se um questionário específico para o público adolescente, composto de cento e cinquenta e duas (152) questões organizadas em dez (10) blocos temáticos, a saber: religião, escola, sobre você, família, trabalho, transito, sexualidade, violência, drogas e temáticas (Apêndice III).

[2] Instrumento utilizado para seleção aleatória de um indivíduo no domicílio com igual probabilidade para cada indivíduo.

Conforme definição da Organização Mundial de Saúde – OMS (2001), este estudo considerou adolescente, a pessoa com idade entre 10 e 19 anos.

Ressalta-se que o referido questionário é autoaplicável, sendo preenchido pelo próprio adolescente após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE por seu responsável (Apêndices I e II).

Dentre as variáveis foram selecionadas aquelas cuja estrutura ofertou condições de resposta à hipótese levantada (ocorrências de *bullying* entre os adolescentes como forma de reprodução social da violência). A partir da junção de sete (7) variáveis, construiu-se um indicador de *bullying*, visto que o questionário aplicado aos adolescentes não contemplava questões especificas à identificação de envolvimento do respondente com o fenômeno. Considerou-se aquelas variáveis cujas respostas alinharam-se ao conceito de *bullying* (atitudes agressivas entre um, ou mais adolescentes, sem motivação aparente, recorrentes e com visível desigualdade de poder entre os envolvidos).

Utilizou-se do mesmo procedimento para criação de indicadores de perfil dos envolvidos (vítimas, vítimas-agressoras, agressores e espectadores) e fatores associados (violência doméstica e social), para os quais analisou-se a correlação com o *bullying*. Considerou-se os aspectos sociodemográficos, como idade, sexo, raça/cor, escolaridade dos pais, renda per capita e tipo de configuração familiar. As formas e locais de ocorrência do *bullying* também foram considerados (Anexo I).

4.3 Análise dos dados

Realizou-se incialmente uma análise descritiva dos dados. A partir das variáveis qualitativas ordinais, construiu-se sete indicadores para identificar o envolvimento dos adolescentes em situações de *bullying*, a saber: envolvimento com *bullying*, perfil de vítima, perfil de agressor, perfil de vítima-agressora, perfil de espectador, violência doméstica e violência social.

As categorias (ou níveis) destas variáveis foram codificadas de forma a ponderar mais as respostas positivas e menos as respostas negativas ao *bullying*. Essa codificação para as variáveis com 5 categorias obedeceu ao seguinte padrão: -2, -1, 0, 1 e 2. As variáveis que compõe cada indicador são mostradas no Quadro 2.

QUADRO 2 – Composição dos indicadores a partir das variáveis e suas respectivas contribuições

Indicador	**Variáveis (X_i)**	
Indicador de Envolvimento com Bullying (IEB)	X_1	Em quantos amigos da sua escola você confia?
	X_2	Você se sente sozinho no recreio?
	X_3	Você se sente ameaçado na escola?
	X_4	Desde quando essa situação ocorre?
	X_5	Você agride ou maltrata colegas?
	X_6	Você espalha piadinhas sobre colegas?
	X_7	Você participa de situações em que seus colegas são intimidados?
Indicador de Perfil Vítima (IPV)	X_8	Em quantos amigos na sua escola você confia?
	X_9	Você se sente sozinho no recreio por que seus amigos não querem estar com você?
	X_{10}	Você se sente ameaçado e e/ou pressionado por alguém na sua escola?
	X_{11}	Alguém já espalhou piadinhas/comentários maldosos sobre você na escola?
	X_{12}	Desde quando essa situação ocorre?
	X_{13}	As pessoas da sua idade fazem você se sentir rejeitado ou envergonhado por causa do seu jeito de pensar?
	X_{14}	Você se sente capaz de vencer suas tristezas ou problemas?

Indicador de Perfil Agressor (IPA)	X_{15}	Você agride ou maltrata alguns de seus colegas de escola?
	X_{16}	Você espalha piadinhas/comentários maldosos sobre seus colegas?
	X_{17}	Você seria capaz de intimidar algum de seus colegas em alguma ocasião?
	X_{18}	Você já bateu em alguém?
	X_{19}	Você já ofendeu alguém com palavras?
	X_{20}	Você já praticou qualquer tipo de violência?
	X_{21}	Você já participou de espancamento de uma ou mais pessoas por um grupo em número muito menor?
Indicador de Perfil Vítima-Agressora (IPVA)	X_{22}	Em quantos amigos na sua escola você confia?
	X_{23}	Você se sente sozinho no recreio por que seus amigos não querem estar com você?
	X_{24}	Você se sente ameaçado e e/ou pressionado por alguém na sua escola?
	X_{25}	Alguém já espalhou piadinhas/comentários maldosos sobre você na escola?
	X_{26}	Desde quando essa situação ocorre?
	X_{27}	As pessoas da sua idade fazem você se sentir rejeitado ou envergonhado por causa do seu jeito de pensar?
	X_{28}	Você se sente capaz de vencer suas tristezas ou problemas?
	X_{29}	Você agride ou maltrata alguns de seus colegas de escola?
	X_{30}	Você espalha piadinhas/comentários maldosos sobre seus colegas?
	X_{31}	Você seria capaz de intimidar algum de seus colegas em alguma ocasião?
	X_{32}	Você já bateu em alguém?
	X_{33}	Você já ofendeu alguém com palavras?
	X_{34}	Você já praticou qualquer tipo de violência?
	X_{35}	Você já participou de espancamento de uma ou mais pessoas por um grupo em número muito menor?

Indicador de Perfil Espectador (IPE)	X_{36}	Você acha que seus colegas também sofrem ameaças/intimidações?
	X_{37}	Quem você acha que intimida seus colegas?
	X_{38}	Você participa de situações em que seus companheiros são intimidados?
	X_{39}	Se participa, por quê?
	X_{40}	Com que frequência ocorrem as intimidações em sua escola?
	X_{41}	Qual é a sua opinião sobre os adolescentes que intimidam outros colegas?
	X_{42}	O que você pode fazer quando um colega intimida outro?
Indicador de Violência Doméstica (IVD)	X_{43}	A sua relação com seus pais é:
	X_{44}	Brigas são comuns na sua família?
	X_{45}	Alguém da sua casa já abandonou a família?
	X_{46}	Quando você sai de casa, seus pais sabem onde você está?
	X_{47}	Você já apanhou em casa até ficar machucado?
Indicador de Violência Social (IVS)	X_{48}	Você já apanhou na rua?
	X_{49}	Você já foi desrespeitado por causa da sua cor?
	X_{50}	Você já foi assaltado no bairro onde você mora?
	X_{51}	Você já deixou de fazer alguma coisa por causa da violência?
	X_{52}	Você já viu alguma situação de violência perto da sua casa?

As fórmulas ficaram assim dispostas:

a) Indicador de Envolvimento com *Bullying* (IEB)

$$IEB = \sum_{i=1}^{7} X_i$$

b) Indicador de Perfil Vítima (IPV)

$$IPV = \sum_{i=8}^{14} X_i$$

c) Indicador de Perfil Agressor (IPA)

$$IPA = \sum_{i=15}^{21} X_i$$

d) Indicador de Perfil Vítima-Agressora (IPVA)

$$IPVA = \sum_{i=22}^{35} X_i$$

e) Indicador de Perfil Espectador (IPE)

$$IPE = \sum_{i=36}^{42} X_i$$

f) Indicador de Violência Doméstica (IVD)

$$IVD = \sum_{i=43}^{47} X_i$$

g) Indicador de Violência Social (IVS)

$$IVD = \sum_{i=48}^{52} X_i$$

O indicador foi padronizado para que assumisse valores na escala 0-1. A padronização adotada é a apresentada a seguir:

$$Ipad_i = \frac{I_i - \min(I)}{\max(I) - \min(I)}$$

A análise estatística foi baseada em medidas descritivas, tabelas de frequências simples e cruzadas, gráficos do tipo boxplot, correlação de Pearson, Correlograma e teste qui-quadrado de homogeneidade.

Analisou-se também variáveis indicativas dos aspectos sociodemográficos, como idade, sexo, raça/cor, escolaridade dos pais, renda per capita e tipo de configuração familiar. As formas e locais de ocorrência do *bullying* também foram analisados.

Para avaliar a correlação entre os indicadores realizou-se a análise bivariada de correlação de Pearson.

Utilizou-se o teste qui-quadrado para k proporções ou teste qui-quadrado para homogeneidade, o qual analisou se a proporção de adolescentes com envolvimento de *Bullying* é igual ou diferente entre as categorias de cada variável sociodemográfica, possibilitando responder as seguintes hipóteses:

- H0: A proporção de adolescentes com envolvimento de *Bullying* é a mesma em cada categoria da variável sociodemográfica: p1 = p2 = ... = pk
- Ha: A proporção de adolescentes com envolvimento de *Bullying* não é a mesma em cada categoria da variável sociodemográfica, ou seja, ao menos uma das pi's é diferente das outras.

As analises foram realizadas no software *Statistical Package for Social Ciences* – SPSS versão 2.1 e no *software R for Windows* versão 3.2.3. Considerou-se um nível de significância de 5%.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e discussão serão apresentados em formato de artigo o qual analisou as ocorrências de *bullying* de acordo com os perfis dos envolvidos, enquanto vítimas, vítima-agressoras, agressores e espectadores. Considerou aspectos sociodemográficos e correlacionou a existência do fenômeno à violência doméstica e social. Propôs-se também a explicitar o *bullying* conforme manifestação eminentemente humana e socialmente construída.

ARTIGO 1

BULLYING: CONTEXTUALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA REPRODUZIDA ENTRE ADOLESCENTES

Maicom Marques de Paula *
Ricardo Tavares **
Dimitri Fazito de Almeida Rezende***

* Mestrando em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência. FMUFMG
Email: marquessocial@yahoo.com.br
** Professor Adjunto – Nível III do Departamento de Estatística. UFOP
***Professor Adjunto do Departamento de Sociologia. UFMG

RESUMO

Introdução: tão antigo quanto as relações interpessoais, o *bullying*, comportamento violento, sem motivação aparente, repetitivo, intencional e caracterizado pelo desequilíbrio de poder entre os envolvidos, atinge a grande maioria de crianças e adolescentes, senão todos e expressa-se, principalmente no ambiente escolar através de agressões, discriminações, preconceitos e exclusão social. Investigá-lo a partir de uma visão mais ampla, evidenciando-o como uma manifestação eminentemente humana e socialmente construída, torna-se importante estratégia de prevenção. **Objetivo:** compreender como se dão as ocorrências de *bullying* entre os adolescentes do município de Betim – MG e a relação deste com a reprodução social da violência. **Método:** Trata-se de um estudo transversal, realizado no município de Betim no ano de 2014. A partir do inquérito de base populacional "Saúde e Violência: Subsídios para Formulação de Políticas Públicas de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência – SAUVI", investigou-se a prevalência de *bullying* nos adolescentes residentes no referido município, o perfil dos atores envolvidos, fatores associados, bem como suas formas de desenvolvimento em

diferentes espaços sociais. A partir das variáveis qualitativas ordinais, construiu-se sete indicadores para identificar o envolvimento dos adolescentes em situações de *bullying*, a saber: envolvimento com *bullying*, perfil de vítima, perfil de agressor, perfil de vítima-agressora, perfil de espectador, violência doméstica e violência social. Considerou-se também variáveis indicativas dos aspectos sociodemográficos, como idade, sexo, raça/cor, escolaridade dos pais, renda per capita e tipo de configuração familiar. A análise estatística foi baseada em medidas descritivas, tabelas de frequências simples e cruzadas, gráficos do tipo boxplot, correlação de Pearson, Correlograma e teste qui-quadrado de homogeneidade. **Resultados:** Identificou-se a prevalência de *bullying* em 59,5% dos adolescentes pesquisados n=173, sendo 56,3% homens e 62,8% mulheres, com maiores proporções na faixa etária, entre 16 e 17 anos 70%. Quanto aos perfis, 98,5% apresentaram-se como vítimas, 82,4% como vítimas-agressoras, 75,3% como agressor e 66,7% como espectador. Dentre as formas de manifestação encontram-se ameaçar 69,6% e colocar apelidos ou expor ao ridículo 60,9%, (*bullying* direto), gelar, isolar e excluir, (*bullying* indireto) 50,0%. O pátio da escola e a sala de aula foram apontadas pelos adolescentes como os locais de maior frequência, seguidos da rua. 61,5% dos adolescentes envolvidos em *bullying* foram expostos à violência doméstica e 84,6% à violência social. O estudo foi significativo para ocorrências de *bullying*, perfis de vítima, vítima-agressora, agressor, espectador, violência doméstica e social, bem como, perfil de vítima, raça e violência social, perfil de agressor, faixa etária e violência social e perfil de vítima-agressora, raça, faixa etária, violência doméstica e social. Não identificou significância entre aspectos sociodemográficos como estudo dos pais, renda, tipo de configuração familiar e *bullying*. Valor de $p < 0,05$. **Conclusão:** O estudo identificou forte presença de *bullying* entre os adolescentes pesquisados e sua correlação com a violência doméstica e social, esta última expressada pela intolerância, preconceitos e exclusão social. Faz-se necessário contextualizar o fenômeno a partir de uma visão ampliada, para além das características individuais dos envolvidos.

INTRODUÇÃO

O atual modelo de sociedade no qual vivemos deflagra um processo contemporâneo, porém, não antigo, onde se percebe de um lado, uma minoria

populacional privilegiada, detentora dos meios de produção, com os quais se sustenta nessa condição de privilégio e dominação, enquanto que a grande parcela restante fica à mercê dos bens sociais, relegada a uma condição de dominados. Tal estrutura social torna evidente as contradições históricas e culturalmente instauradas ao longo da construção de nossa sociedade.

É nesse contexto de desigualdades, da divergência de interesses entre membros pertencentes a classes sociais distintas e que frequentemente se confrontam, que emergem conflitos, intolerâncias, preconceitos, aversão ao diferente, dentre outras formas de violência, muitas vezes naturalizadas no modelo societário vigente.

Fato social complexo, histórico e multicausal, a violência encontra nos diferentes espaços de interação social, terreno fértil para a sua produção e reprodução. Mediada pela hierarquia social, classifica e ordena os homens, de acordo com sua classe social, entre inferiores e superiores, comandantes e comandados (CROCHIK, 2012).

Nessa perspectiva, estudos acerca das ocorrências de violência entre crianças e adolescentes, bem como da população jovem e seus processos de socialização nos diferentes espaços, vem ganhando destaque no cenário nacional e internacional, haja vista a condição peculiar de desenvolvimento destes.

Pensada a partir de várias perspectivas, a adolescência, corresponde a etapa de vida entre 10 e 19 anos, período de transição entre a infância e a fase adulta, marcada principalmente por um complexo processo de crescimento, do desenvolvimento biopsicossocial e da personalidade humana. O processo de adolescer caracteriza-se também pela inserção do indivíduo em determinada cultura. É neste contexto que surge a necessidade de construção de uma nova identidade, o desenvolvimento de novos papéis sociais, o afastamento do grupo familiar e a aproximação dos grupos de pares (ARAÚJO, 2008).

Espaço privilegiado de interação entre os adolescentes, o ambiente escolar propicia a estes o exercício de habilidades pró-sociais, contribuindo para seu desenvolvimento interpessoal e fortalecimento de habilidades para a vida em

sociedade. Contudo, é também neste espaço que as dificuldades de relacionamento e interação entre os pares se tornam mais evidentes. Comportamentos agressivos, discriminações, preconceitos e exclusão social, são exemplos da violência tida como escolar.

De acordo com Spósito (2001) apud Francisco e Coimbra (2015), no que tange a realidade brasileira, foi na década de 80, com o destaque midiático voltado para as péssimas condições físicas das instituições escolares situadas nas periferias das grandes cidades, que a violência escolar passou a ser percebida como um problema social, entrando assim para o rol do debate público. Em resposta a estes atos, as estratégias de intervenção do Estado foram a implantação de muros, grades, janelas e portões altos, bem como a presença do policiamento nas escolas (FRANCISCO; COIMBRA, 2015).

Tais estratégias apresentam um caráter reducionista frente ao que Paula e D'Aura-Tardeli (2009) apud Crochik (2012), conceituam como "violência na escola", que se refere à presença da violência que tem origem fora dos muros escolares. Para além disso as autoras apresentam outro conceito de violência relacionado ao ambiente escolar, a "violência da escola", que é gerada pela própria instituição a partir de suas regras. Não se tem aqui a intenção de reduzir a importância das regras institucionais, dada a sua contribuição na organização das relações pessoais e sociais para uma boa convivência, mas, a de destacar a escola como uma importante instituição onde objetivos como a civilidade entre os alunos, a convivência pacífica, a resolutividade dos conflitos e o estabelecimento de normas construídas coletivamente, devem ser apreciados.

Dentre as diversas formas de violência que se manifestam no ambiente escolar, embora não se restrinjam a este espaço, destaca-se o *bullying*, comportamento violento, sem motivação aparente, repetitivo, intencional e caracterizado pelo desequilíbrio de poder entre os envolvidos (OLWEUS, 1993).

O *bullying* pode ocorrer de duas maneiras: direta, "que inclui agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences), e verbais, (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger)"; e indireta, "através da disseminação de

rumores desagradáveis e desqualificadores, visando à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social" (FANTE, 2005).

Ganha também destaque o *Cyberbullying* que por definição, compreende o uso de ferramentas tecnológicas para assediar, ameaçar, constranger ou humilhar outra pessoa, simular ou tentar violar senhas das vítimas (JUVONEN; GROSS (2008) apud WENDT; LISBOA, 2013).

Identificam-se entre os envolvidos nas ocorrências de *bullying* os perfis de vítima, vítima-agressora, agressores e espectadores. As vítimas são geralmente crianças que apresentam características diferentes das demais, estigmas e/ou atributos considerados negativos, já a vítima-agressora é aquela que reproduz os maus-tratos sofridos. Quanto ao agressor ou *bully*, este sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça de conseguir aquilo a que se propõe. Os espectadores definem-se como aqueles que presenciam o *bullying*, porém não o sofrem nem o praticam. Independente dos papéis assumidos nas ocorrências de *bullying*, os prejuízos acarretados a todos os envolvidos são significativos e na maioria das vezes duradouros (FANTE, 2005).

Conforme Borsa, Petrucci e Koller (2015), as ocorrências de *bullying* associam-se a características do ambiente escolar, a questões individuais, familiares e sociais dos envolvidos.

Estudo apresentado pela Organização Mundial de Saúde – OMS intitulado "Comportamento saudável em crianças em idade escolar – relatório de estudo internacional da pesquisa de 2001/2002", publicado no ano de 2004 pelo escritório regional europeu da *World Health Organization* – WHO, cuja amostra analisou 162.306 jovens escolares de três idades sequenciais, a saber; 11, 13 e 15 anos, de 35 países e regiões dos continentes americano e europeu, identificou que 35% dos jovens pesquisados estiveram envolvidos em ocorrências de *bullying* nos meses anteriores a pesquisa. Com relação a idade, 30% possuíam 11 anos; 38% 13 anos e 36% 15 anos, sendo as frequências maiores entre os meninos (MARAFON, SHEINVAR; NASCIMENTO, 2014).

Outro estudo, cuja amostra compreendeu mais de 200.000 estudantes, com idades entre 13 e 15 anos, oriundos de 66 países, apresentou média de 32,1% dos adolescentes sofrendo *bullying* ao menos uma vez nos dois meses anteriores à pesquisa, e média de 37,4% sofrendo *bullying* uma vez nos 30 dias anteriores (CARVALHO et al., 2014).

Embora o Brasil apresente pequenos números de estudos sistemáticos acerca do *bullying*, os dados nacionais assemelham-se aos internacionais. Das quatro investigações realizadas pela pesquisadora Cléo Fante, entre os anos de 2000 e 2003, totalizando 1.761 alunos de escolas públicas e privadas do interior de São Paulo, cujas amostras variaram entre 430 e 450 indivíduos, mais de 40% dos alunos estavam envolvidos em ocorrências de *bullying*, como vítimas (de 18% a 24%), agressores (8% a 22%) e vítimas-agressoras (de 9% a 19%).

Os dados nacionais e internacionais acerca do *bullying* atestam a gravidade do fenômeno e destacam a necessidade de estratégias de intervenção com vistas a minimizar os impactos ocasionados aos envolvidos. Contudo, conforme apontam Marafon; Sheinvar e Nascimento (2014), torna-se imperioso aprofundar os estudos acerca do conceito de *bullying*, bem como de suas estratégias de identificação com o objetivo de evitar a banalização e sensacionalização do conceito, diferenciando as brincadeiras comuns entre os pares das ocorrências de *bullying*.

Para além disso os autores destacam o constante processo de judicialização e patoligização dos envolvidos, dada a uma possível visão simplista que categoriza o agressor como pessoa problemática cuja punição é necessária e a vítima cujo padecimento requer tratamentos. Esse olhar, destacam, se constrói pela rotulação, pela segregação dos envolvidos e pela previsibilidade dos seus destinos (MARAFON, SHEINVAR; NASCIMENTO, 2014).

Ainda de acordo com Canavêz (2015), cujo discurso se refere a constante solicitação, em especial da instituição escolar, pela intervenção judicial e do especialista (psicologia enquanto modelo clinico tradicional de atuação) frente as ocorrências de *bullying*, muitos projetos interventivos e legislações "*antibullying*" caracterizam-se pela presença de uma moral religiosa, desprovida da visão crítica

capaz de compreender os inúmeros fatores que contribuem para existência do fenômeno.

Embora necessária, a simples identificação dos envolvidos e a atribuição de perfis aos mesmos a partir de suas características individuais, compreendidas por muitos pesquisadores como causa aparente do fenômeno, desconsidera o fato de que estes vivenciam relações sociais que contribuem para produção e reprodução da violência. Esse reducionismo ocasiona o empobrecimento do fenômeno, impossibilitando assim uma visão mais ampliada a luz do conceito de violência e do contexto social e histórico no qual se insere.

Ressalta-se ainda que os adolescentes atuam nas mais diversas situações sociais, orientados por seu *habitus*, pela forma como foram socialmente ensinados a agir e pensar o mundo. Essa construção se dá no processo de socialização do sujeito, de acordo com o meio ou campo social ao qual pertence e da posição hierárquica que ocupa nas estruturas sociais (BOURDIEU apud NOGUEIRA, 2014).

Do encontro dos diferentes hábitos, das hierarquias sociais hegemônica e culturalmente construídas, da necessidade de convivência com o “diferente” emergem questões como preconceito, exclusão e demais atos violentos (TRINDADE, 2009).

Isso posto, o presente artigo objetiva problematizar as ocorrências de *bullying* para além dos aspectos individuais dos envolvidos, considerar aspectos sociodemográficos, correlacionar a existência do fenômeno à violência doméstica e social evidenciando-o como uma manifestação eminentemente humana e socialmente construída.

MÉTODO

Trata-se de um estudo transversal, realizado na cidade de Betim, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, entre os meses de julho e novembro de 2014, com referência nos 12 meses anteriores.

Conforme dados do IBGE (2010), o referido município possui uma extensão territorial de 343,736 km, uma população de 378.089 habitantes dos quais 18,7% compreendem a faixa etária entre 10 e 19 anos, sendo 9,5% homens e 9,2% mulheres.

Os dados primários originaram-se da pesquisa “Saúde e Violência: Subsídios para Formulação de Políticas Públicas de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência– SAUVI”, da qual o estudo em questão é parte integrante.

Caracterizada como inquérito de base populacional, a pesquisa SAUVI tem por objetivo investigar o perfil da violência e sua dinâmica, seus determinantes, sua distribuição geográfica e suas formas de enfrentamento em diferentes grupos populacionais, nos Municípios de Belo Horizonte, Betim, Ribeirão das Neves e Sete Lagoas.

Considerou como população alvo todas as pessoas com 20 ou mais anos de idade residentes nos 1280 domicílios particulares permanentes e localizados em setores censitários urbanos do município de Betim (espaço amostral com grau de confiança de 95% e uma margem de erro de no máximo 1,9%).

Os respondentes foram selecionados através do método de amostragem estratificada por conglomerados de acordo com os seguintes estágios: setores censitários, domicílios, respondente. Para a seleção do respondente no domicílio foram utilizadas as tabelas de Kish, com vistas a garantir a homogeneidade entre sexo e idade de acordo com a amostra.

Para além da pessoa selecionada no domicílio, foram também identificados como respondentes os idosos e adolescentes que integravam o grupo familiar.

Para coleta dos dados foi elaborado questionário específico para o público adolescente, composto de cento e cinquenta e duas (152) questões organizadas em dez (10) blocos temáticos, a saber: religião, escola, sobre você, família, trabalho, transito, sexualidade, violência, drogas e temáticas.

Ressalta-se que o referido questionário é autoaplicável, sendo preenchido pelo próprio adolescente após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE por seu responsável.

Conforme definição da Organização Mundial de Saúde – OMS (2001), este estudo considerou adolescente, a pessoa com idade entre 10 e 19 anos.

A partir das variáveis qualitativas ordinais, construiu-se sete indicadores para identificar o envolvimento dos adolescentes em situações de *bullying*, a saber: envolvimento com *bullying*, perfil de vítima, perfil de agressor, perfil de vítima-agressora, perfil de espectador, violência doméstica e violência social. As categorias (ou níveis) destas variáveis foram codificadas de forma a ponderar mais as respostas positivas e menos as respostas negativas ao *bullying*. Essa codificação para as variáveis com 5 categorias seguiu o presente padrão: -2, -1, 0, 1 e 2. As variáveis que compõe cada indicador são mostradas no Quadro 3:

QUADRO 3 – Composição dos indicadores a partir das variáveis e suas respectivas contribuições

Indicador	**Variáveis (X_i)**	
Indicador de Envolvimento com Bullying (IEB)	X_1	Em quantos amigos da sua escola você confia?
	X_2	Você se sente sozinho no recreio?
	X_3	Você se sente ameaçado na escola?
	X_4	Desde quando essa situação ocorre?
	X_5	Você agride ou maltrata colegas?
	X_6	Você espalha piadinhas sobre colegas?
	X_7	Você participa de situações em que seus colegas são intimidados?

Indicador de Perfil Vítima (IPV)	X_8	Em quantos amigos na sua escola você confia?
	X_9	Você se sente sozinho no recreio por que seus amigos não querem estar com você?
	X_{10}	Você se sente ameaçado e e/ou pressionado por alguém na sua escola?
	X_{11}	Alguém já espalhou piadinhas/comentários maldosos sobre você na escola?
	X_{12}	Desde quando essa situação ocorre?
	X_{13}	As pessoas da sua idade fazem você se sentir rejeitado ou envergonhado por causa do seu jeito de pensar?
	X_{14}	Você se sente capaz de vencer suas tristezas ou problemas?
Indicador de Perfil Agressor (IPA)	X_{15}	Você agride ou maltrata alguns de seus colegas de escola?
	X_{16}	Você espalha piadinhas/comentários maldosos sobre seus colegas?
	X_{17}	Você seria capaz de intimidar algum de seus colegas em alguma ocasião?
	X_{18}	Você já bateu em alguém?
	X_{19}	Você já ofendeu alguém com palavras?
	X_{20}	Você já praticou qualquer tipo de violência?
	X_{21}	Você já participou de espancamento de uma ou mais pessoas por um grupo em número muito menor?
Indicador de Perfil Vítima-Agressora (IPVA)	X_{22}	Em quantos amigos na sua escola você confia?
	X_{23}	Você se sente sozinho no recreio por que seus amigos não querem estar com você?
	X_{24}	Você se sente ameaçado e e/ou pressionado por alguém na sua escola?
	X_{25}	Alguém já espalhou piadinhas/comentários maldosos sobre você na escola?
	X_{26}	Desde quando essa situação ocorre?
	X_{27}	As pessoas da sua idade fazem você se sentir rejeitado ou envergonhado por causa do seu jeito de pensar?

	X_{28}	Você se sente capaz de vencer suas tristezas ou problemas?
	X_{29}	Você agride ou maltrata alguns de seus colegas de escola?
	X_{30}	Você espalha piadinhas/comentários maldosos sobre seus colegas?
	X_{31}	Você seria capaz de intimidar algum de seus colegas em alguma ocasião?
	X_{32}	Você já bateu em alguém?
	X_{33}	Você já ofendeu alguém com palavras?
	X_{34}	Você já praticou qualquer tipo de violência?
	X_{35}	Você já participou de espancamento de uma ou mais pessoas por um grupo em número muito menor?
Indicador de Perfil Espectador (IPE)	X_{36}	Você acha que seus colegas também sofrem ameaças/intimidações?
	X_{37}	Quem você acha que intimida seus colegas?
	X_{38}	Você participa de situações em que seus companheiros são intimidados?
	X_{39}	Se participa, por quê?
	X_{40}	Com que frequência ocorrem as intimidações em sua escola?
	X_{41}	Qual é a sua opinião sobre os adolescentes que intimidam outros colegas?
	X_{42}	O que você pode fazer quando um colega intimida outro?
Indicador de Violência Doméstica (IVD)	X_{43}	A sua relação com seus pais é:
	X_{44}	Brigas são comuns na sua família?
	X_{45}	Alguém da sua casa já abandonou a família?
	X_{46}	Quando você sai de casa, seus pais sabem onde você está?
	X_{47}	Você já apanhou em casa até ficar machucado?

Indicador de Violência Social (IVS)	X_{48}	Você já apanhou na rua?
	X_{49}	Você já foi desrespeitado por causa da sua cor?
	X_{50}	Você já foi assaltado no bairro onde você mora?
	X_{51}	Você já deixou de fazer alguma coisa por causa da violência?
	X_{52}	Você já viu alguma situação de violência perto da sua casa?

As fórmulas ficaram assim dispostas:

A) Indicador de Envolvimento com *Bullying* (IEB)

$$IEB = \sum_{i=1}^{7} X_i$$

B) Indicador de Perfil Vítima (IPV)

$$IPV = \sum_{i=8}^{14} X_i$$

C) Indicador de Perfil Agressor (IPA)

$$IPA = \sum_{i=15}^{21} X_i$$

D) Indicador de Perfil Vítima-Agressora (IPVA)

$$IPVA = \sum_{i=22}^{35} X_i$$

E) Indicador de Perfil Espectador (IPE)

$$IPE = \sum_{i=36}^{42} X_i$$

F) Indicador de Violência Doméstica (IVD)

$$IVD = \sum_{i=43}^{47} X_i$$

G) Indicador de Violência Social (IVS)

$$IVD = \sum_{i=48}^{52} X_i$$

O indicador foi padronizado para que assumisse valores na escala 0-1. A padronização adotada é a apresentada a seguir:

$$Ipad_i = \frac{I_i - \min(I)}{\max(I) - \min(I)}$$

A análise estatística foi baseada em medidas descritivas, tabelas de frequências simples e cruzadas, gráficos do tipo boxplot, correlação de Pearson, Correlograma e teste qui-quadrado de homogeneidade.

Analisou-se também variáveis indicativas dos aspectos sociodemográficos, como idade, sexo, raça/cor, escolaridade dos pais, renda per capita e tipo de configuração familiar. As formas e locais de ocorrência do *bullying* também foram analisados.

Para avaliar a correlação entre os indicadores realizou-se a análise bivariada de correlação de Pearson.

Utilizou-se o teste qui-quadrado para k proporções ou teste qui-quadrado para homogeneidade, o qual analisou se a proporção de adolescentes com envolvimento de *Bullying* é igual ou diferente entre as categorias de cada variável sociodemográfica, possibilitando responder as seguintes hipóteses:

- H0: A proporção de adolescentes com envolvimento de *Bullying* é a mesma em cada categoria da variável sociodemográfica: p1 = p2 = ... = pk
- Ha: A proporção de adolescentes com envolvimento de *Bullying* não é a mesma em cada categoria da variável sociodemográfica, ou seja, ao menos uma das pi's é diferente das outras.

As analises foram realizadas no *software Statistical Package for Social Ciences* – SPSS versão 2.1 e no *software R for Windows* versão 3.2.3. Considerou-se um nível de significância de 5%.

A pesquisa SAUVI, bem como o TCLE foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais – COEP UFMG, conforme registro CAAE – 02235212.2.0000.5149.

RESULTADOS

De acordo com a Tabela 1 - Características gerais dos envolvidos em situação de *bullying*, observa-se que do total de adolescentes pesquisados n=173 a participação entre os gêneros foi basicamente a mesma, com maior concentração para a faixa etária entre 13 e 15 anos, cuja raça predominante é a mestiça/parda.

TABELA 1 – Características gerais dos envolvidos em situação de *bullying*

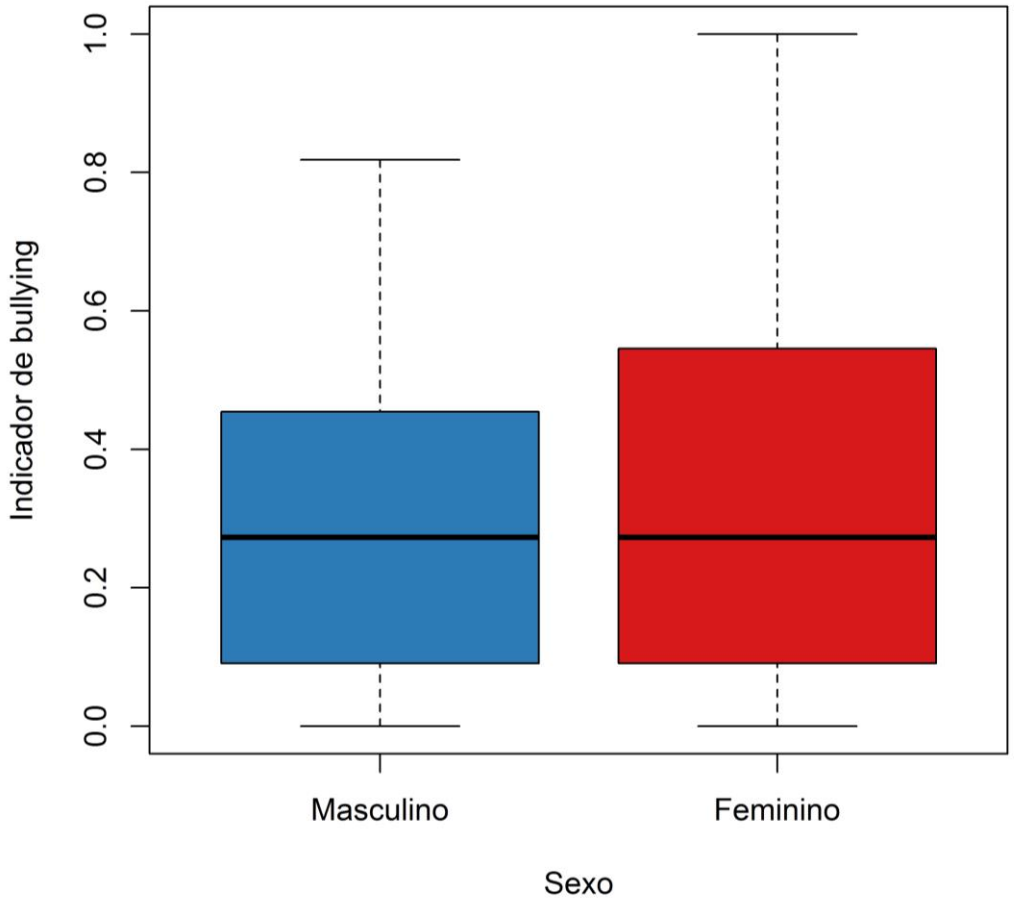
Variáveis estudadas		existe_bullying				Total		p
		Não		Sim				
		N	%	N	%	N	%	
Sexo								
	Homem	38	43,7	49	56,3	87	50,3	0,477
	Mulher	32	37,2	54	62,8	86	49,7	
Faixa etária								
	Até 12 anos	12	41,4	17	58,6	29	16,8	0,1286
	Entre 13 e 15 anos	36	50,0	36	50,0	72	41,6	
	Entre 16 e 17 anos	12	30,0	28	70,0	40	23,1	
	18 ou mais	10	31,3	22	68,8	32	18,5	
Raça								
	Branca	14	30,4	32	69,6	46	26,6	0,1022
	Negra	12	52,2	11	47,8	23	13,3	
	Mestiço/parda	43	45,3	52	54,7	95	54,9	
	Oriental/amarelo	0	0,0	4	100,0	4	2,3	
	Indígena	1	20,0	4	80,0	5	2,9	
Família nuclear simples								
	Sim	23	41,1	33	58,9	56	32,4	1
	Não	47	40,2	70	59,8	117	67,6	
Renda familiar								
	Até 1 salário mínimo	6	31,6	13	68,4	19	11,0	0,8426
	De 1 a 3 salários mínimos	21	37,5	35	62,5	56	32,4	
	De 3 a 5 salários mínimos	12	41,4	17	58,6	29	16,8	
	Acima de 5 salários mínimos	5	45,5	6	54,5	11	6,4	
	Não soube informar	26	44,8	32	55,2	58	33,5	
Estudo do pai								
	Não sabe ler	2	40,0	3	60,0	5	2,9	0,350
	Ensino Fundamental	36	43,9	46	56,1	82	47,4	
	Ensino Médio	11	33,3	22	66,7	33	19,1	
	Superior Completo	7	63,6	4	36,4	11	6,4	
	Não Sei	14	33,3	28	66,7	42	24,3	
Estudo da mãe								
	Ensino Fundamental	33	40,2	49	59,8	82	47,4	0,9008
	Ensino Médio	20	42,6	27	57,4	47	27,2	
	Superior Completo	6	46,2	7	53,8	13	7,5	
	Não Sei	11	35,5	20	64,5	31	17,9	
Vítima								
	Não	69	64,5	38	35,5	107	61,8	< 0,0001
	Sim	1	1,5	65	98,5	66	38,2	
Vítima agressora								
	Não	54	65,9	28	34,1	82	47,4	< 0,0001
	Sim	16	17,6	75	82,4	91	52,6	
Agressor								
	Não	51	53,1	45	46,9	96	55,5	0,0002801
	Sim	19	24,7	58	75,3	77	44,5	

Espectador								
	Não	38	49,4	39	50,6	77	44,5	0,048
	Sim	32	33,3	64	66,7	96	55,5	
Violência doméstica								
	Não	50	41,3	71	58,7	121	69,9	0,8551
	Sim	20	38,5	32	61,5	52	30,1	
Violência Social								
	Não	66	45,5	79	54,5	145	83,8	0,007795
	Sim	4	15,4	22	84,6	26	15,0	
Colocar apelidos ou expor ao ridículo								
	Não	30	41,1	43	58,9	73	42,2	0,9235
	Sim	36	39,1	56	60,9	92	53,2	
Agredir								
	Não	56	40,0	84	60,0	140	80,9	1
	Sim	10	40,0	15	60,0	25	14,5	
Roubar								
	Não	66	41,0	95	59,0	161	93,1	0,2557
	Sim	0	0,0	4	100,0	4	2,3	
Ameaçar								
	Não	59	41,5	83	58,5	142	82,1	0,4354
	Sim	7	30,4	16	69,6	23	13,3	
Gelar, isolar, excluir								
	sim	55	38,5	88	61,5	143	82,7	0,4268
	não	11	50,0	11	50,0	22	12,7	
Locais de ocorrência								
	Na sala de aula	9	31,0	20	69,0	29	16,8	0,0153
	No patio	4	25,0%	12	75,0	16	9,2	
	Na rua	13	37,1%	22	62,9	35	20,2	
	Nao sei	43	51,2%	41	48,8	84	48,6	
	Outros	0	0,0%	8	100,0	8	4,6	

Fonte: Pesquisa SAUVI, Betim-MG (2014)

São pertencentes em sua maioria a outros tipos de configuração familiar que não a nuclear simples, renda familiar de 1 a 3 salários mínimos e predominância do estudo fundamental enquanto grau de escolaridade dos pais. Destaca-se maior concentração de adolescentes cujo perfil de envolvimento em ocorrências de *bullying* é o de espectador, maior prevalência de violência doméstica em comparação à violência social e do *bullying* direto como forma de manifestação do fenômeno, ocorrendo principalmente em espaços externos ao ambiente escolar, conforme detalhamento abaixo:

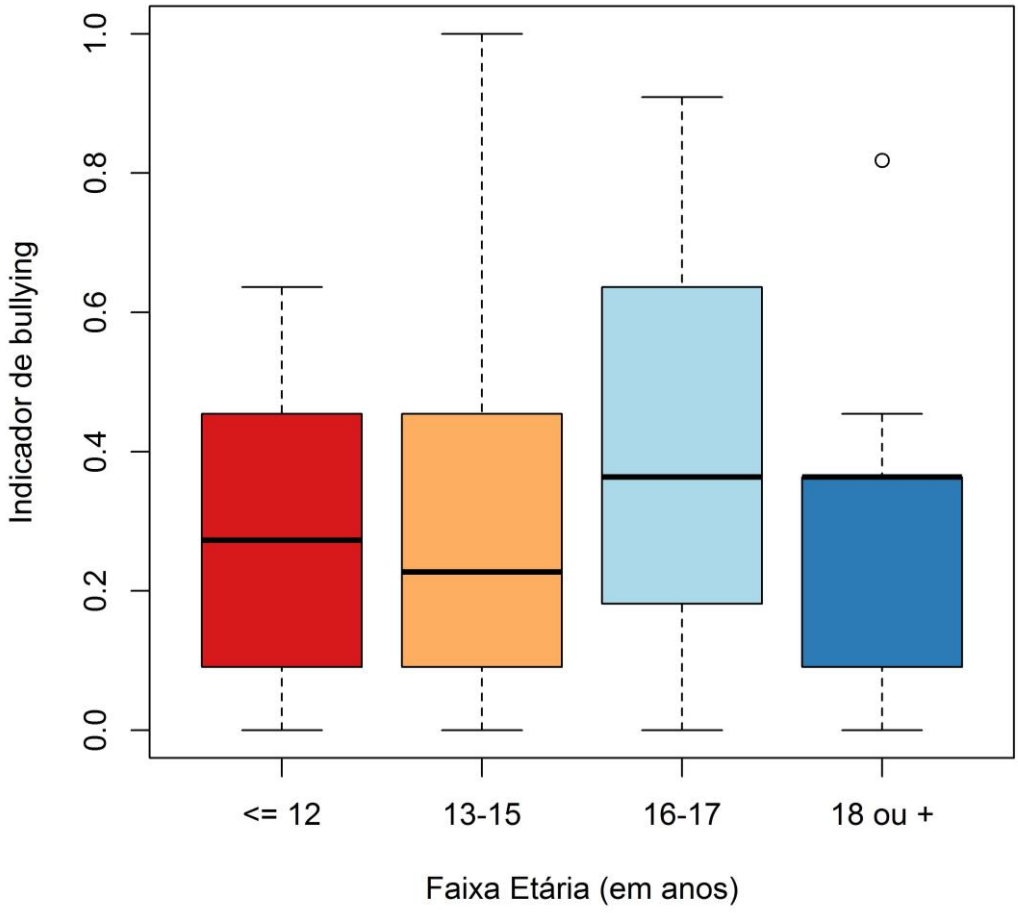
GRÁFICO 1 – Distribuição do indicador de *bullying* segundo o sexo



Fonte: Pesquisa SAUVI, Betim-MG (2014)

Participaram do estudo 173 adolescentes, dos quais 103 (59,5%) apresentaram resposta positiva para envolvimento nas ocorrências de *bullying*, sendo 56,3% homens e 62,8% mulheres (Gráfico 1).

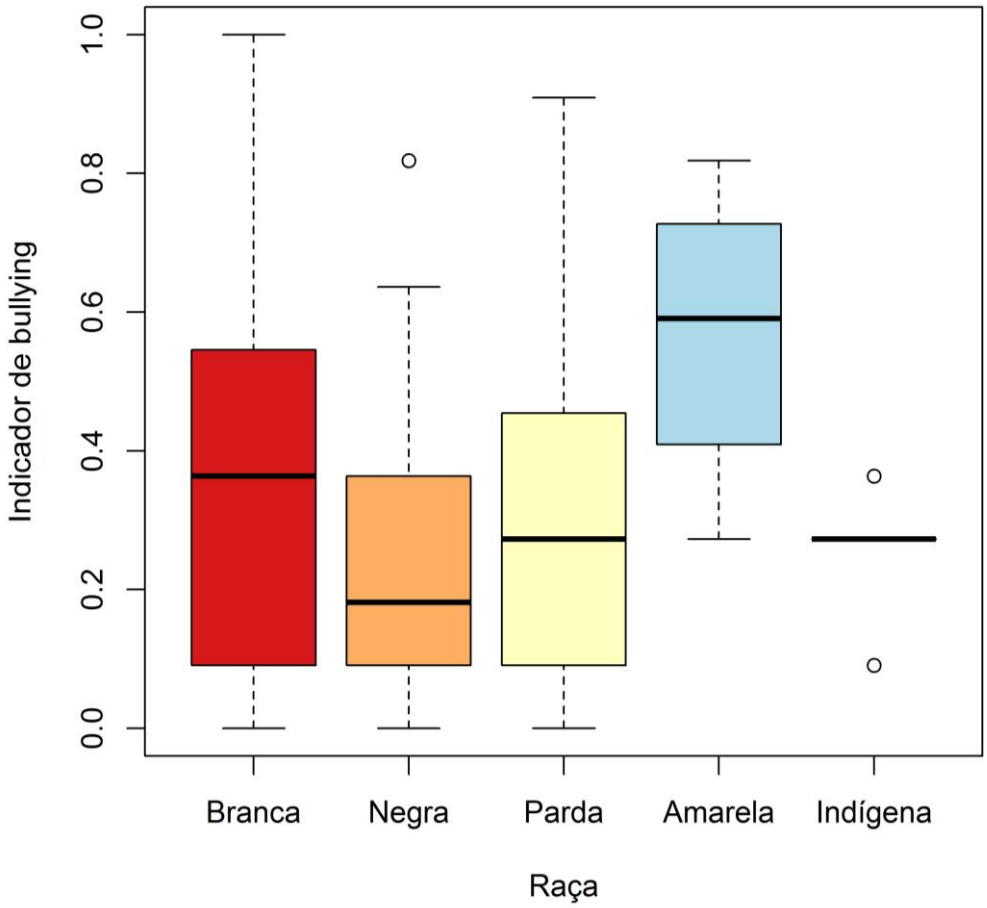
GRÁFICO 2 – Distribuição do indicador de *bullying* segundo faixa etária



Fonte: Pesquisa SAUVI, Betim-MG (2014)

No que tange a faixa etária, a maior prevalência (70%) se deu nos adolescentes com idade entre 16 e 17 anos, seguido dos adolescentes com 18 ou mais anos (68,8%), até 12 anos (58,6%) e entre 13 e 15 anos (50%) (Gráfico 2).

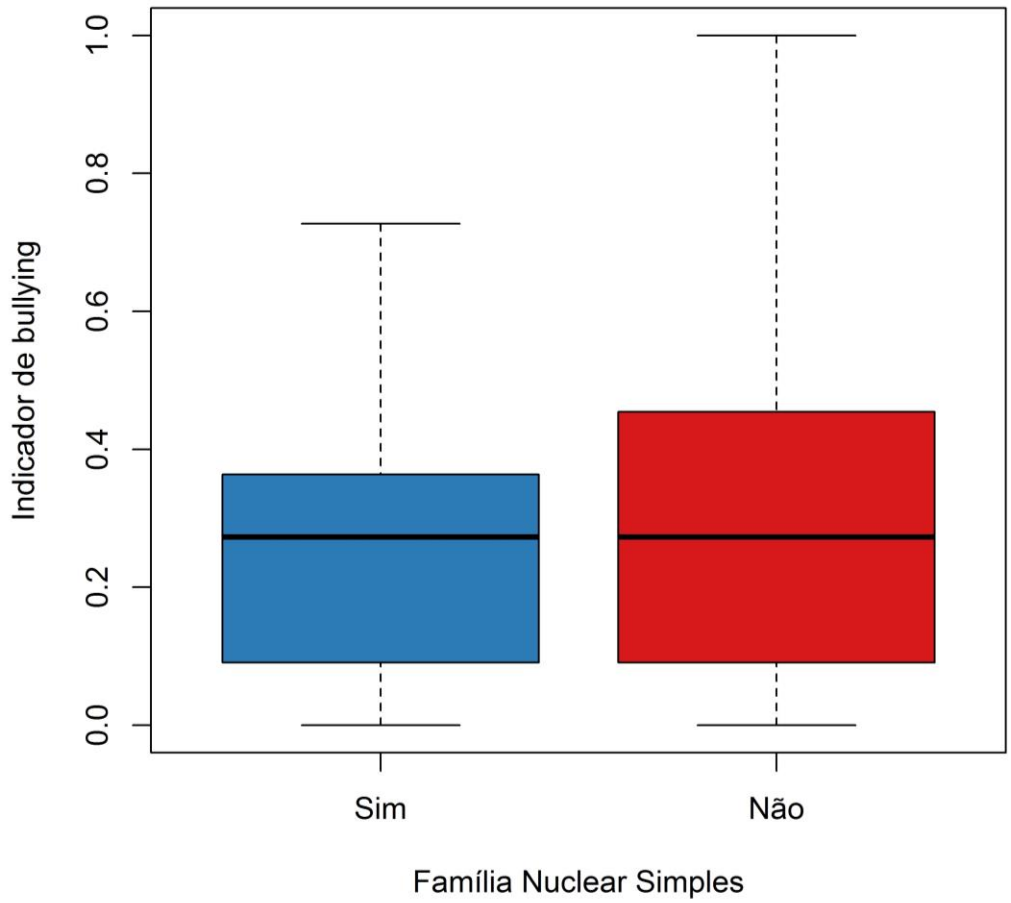
GRÁFICO 3 – Distribuição do indicador de *bullying* segundo raça



Fonte: Pesquisa SAUVI, Betim-MG (2014)

O estudo considerou as raças branca, negra, mestiço/parda, oriental/amarelo, indígena. As proporções de envolvimento em ocorrências de *bullying* por raça foram respectivamente, 69,9%, 47,8%, 54,7%, 100,0% e 80%. Embora o número de respondentes da raça oriental/amarelo (2,3%) e indígena (2,9%), sejam pequenos em relação ao total de respondentes, estes apresentaram os maiores índices (Gráfico 3).

GRÁFICO 4 – Distribuição do indicador de *bullying* segundo composição família



Fonte: Pesquisa SAUVI, Betim-MG (2014)

Do total de respondentes, 67,6% afirmaram pertencer a outro grupo familiar que não o nuclear simples, constituído por pai, mãe e filhos, modelo de família tradicional burguês que ainda vigora em nossa sociedade (AMAS, 1995). Deste percentual 59,8% foram identificados em ocorrências de *bullying* (Gráfico 4).

Quanto a renda familiar, dos adolescentes pertencentes a famílias com renda mensal até 1 salário mínimo 68,4% tiveram respostas positivas para o *bullying*, de 1 a 3 salários mínimos 62,5%, de 3 a 5 salários mínimos 58,6% e acima de 5 salários mínimos 54,5%. Este último embora não tão significativo em relação aos adolescentes que não se encontram envolvidos em situações de *bullying* apresentou o menor índice dentre as demais faixas de renda.

Em relação aos estudos dos pais, a maior proporção encontrada está entre os adolescentes cujo pai possui apenas ensino médio 66,7% e cuja mãe possui apenas ensino fundamental 59,8%.

Quanto aos perfis, 98,5% (p= < 0,0001) dos adolescentes se apresentaram como vítimas, 82,4% (p= < 0,0001) como vítimas-agressoras, 75,3% (p= 0,0002) como agressor e 66,7% (p= 0,048) como espectador.

As proporções para envolvimento em ocorrência de *bullying* e exposição à violência doméstica e violência social foram respectivamente, 61,5% e 84,6%, sendo que para esta última encontrou-se significância estatística (p= 0,0077).
Dentre as formas de manifestação do fenômeno, ameaçar 69,6% e colocar apelidos ou expor ao ridículo 60,9%, considerados como *bullying* direto (verbal ou físico), tiveram maior destaque para adolescentes envolvidos com o *bullying*. Gelar, isolar e excluir, considerados como formas de *bullying* indireto (psicológico), também foram destacados em 50,0% dos casos.

O pátio da escola e a sala de aula foram apontadas pelos adolescentes como os locais de maior prevalência, seguidos da rua. Apresentaram as respectivas proporções, 75,0%, 69,0% e 62,9% do total de envolvidos (p=0,0153).

TABELA 2 – Correlação de Pearson e suas significâncias para os indicadores propostos

Tabela 2: Correlação de Pearson e suas significâncias para os indicadores propostos

Indicadores	I_1	I_2	I_3	I_4	I_5	I_6	I_7
I_1	1	0,912**	0,801**	0,435**	0,385**	0,167*	0,377**
I_2	0,912**	1	0,822**	0,386**	0,345**	0,241**	0,369**
I_3	0,801**	0,822**	1	0,843**	0,348**	0,256**	0,379**
I_4	0,435**	0,386**	0,843**	1	0,237**	0,188*	0,266**
I_5	0,385**	0,345**	0,348**	0,237**	1	0,039	0,192*
I_6	0,167*	0,241**	0,256**	0,188*	0,039	1	0,120
I_7	0,377**	0,369**	0,379**	0,266**	0,192*	0,120	1

Nota:
I_1 : Indicador de bullying
I_2 : Indicador de vítima
I_3 : Indicador de vítima-agressora
I_4 : Indicador de agressor
I_5: Indicador de espectador
I_6 : Indicador de violência doméstica
I_7 : Indicador de violência social

* = < o,o5
** = < 0,01

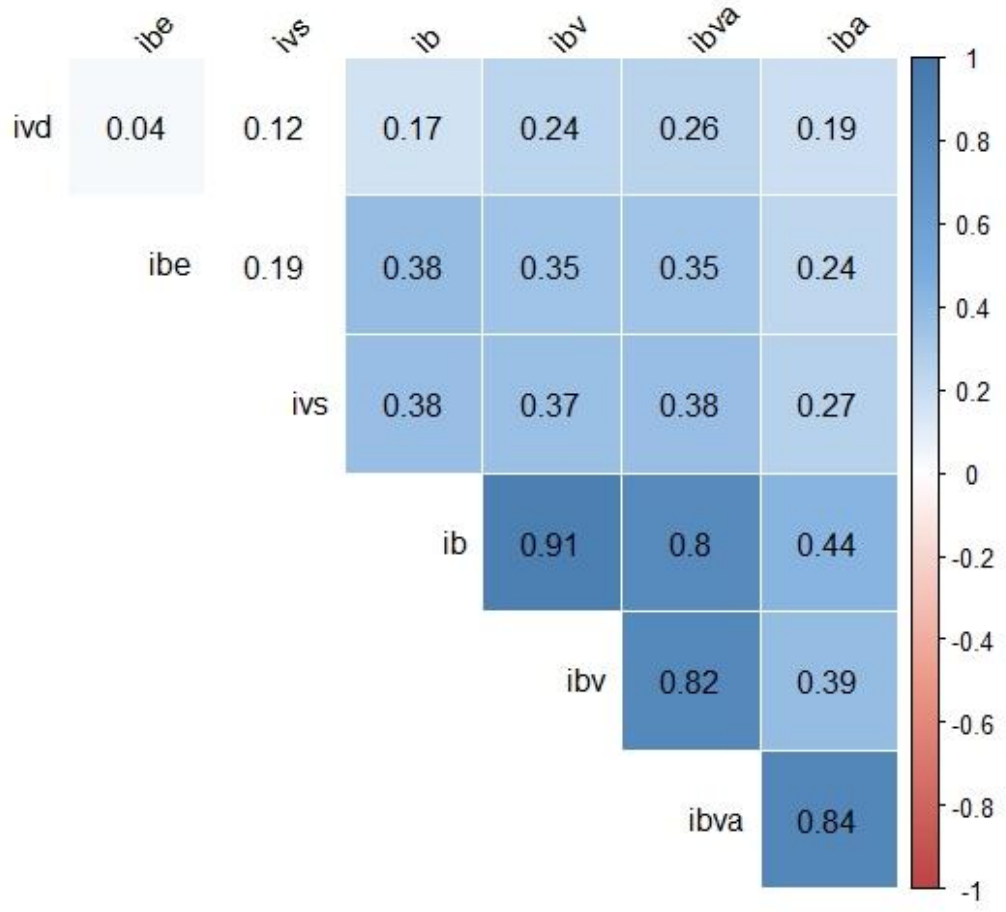
Fonte: Pesquisa SAUVI, Betim-MG (2014)

Conforme a Tabela 2, através da análise bivariada de correlação de Pearson, no que tange as variáveis quantitativas, encontrou-se correlação entre os grupos de variáveis:

- Indicador de *bullying*, indicador de violência doméstica (p= 0,028) e indicador de violência social (p=0,000).
- Indicador de *bullying*, indicadores dos perfis de vítima (p=0,000), vítima-agressora (p=0,000), agressor (p=0,000) e espectador (p=0,000).

O mesmo instrumento de análise encontrou correlação entre indicador de violência doméstica e indicadores dos perfis de vítima (p=0,001), de vítima agressora (p=0,001) e de agressor (p=0,013). A correlação foi também significativa entre indicador de violência social e perfis dos envolvidos; vítima (p=0,000), vítima-agressora (p=0,000), agressor (p=0,000) e espectador (p=0,012), bem como entre todos os perfis (Ver Gráfico 2 – Correlograma de intensidade da correlação de Pearson entre os sete indicadores de *bullying*).

GRÁFICO 5 – Correlograma de intensidade da correlação de Pearson entre os sete indicadores de *bullying*



Obs.: células com fundo branco representam associação não significativas.

Fonte: Pesquisa SAUVI, Betim-MG (2014)

Embora não demonstrado nas tabelas, o teste qui-quadrado para homogeneidade, encontrou também significância estatística entre o grupo de variáveis:

- Perfil de vítima, raça (p=0,0085) e violência social (p=0,0358).
- Perfil de agressor, faixa etária (p=0,0076) e violência social (p=0,0287).
- Perfil de vítima-agressora, faixa etária (p=0,0077), violência doméstica (p=0,0007) e violência social (p=0,0029).

DISCUSSÃO

A partir da construção de um indicador para envolvimento em ocorrências de *bullying* percebeu-se a presença do fenômeno na maioria dos participantes do estudo em questão. Embora as análises estatísticas não comprovem a significância entre os gêneros, ambos os sexos, feminino e masculino apresentaram respostas positivas para o *bullying*, com maior incidência na faixa etária entre 16 e 17 anos.

A presença de *bullying* em ambos os sexos, em diferentes grupos de faixas etárias, dentre outras categorias sociodemográficas que caracterizam os adolescentes, reforça a ideia dos estudos nacionais e internacionais de que este fenômeno se tornou um problema de saúde pública.

Os adolescentes cuja resposta para o *bullying* foi positiva, distribuíram-se entre os perfis de vítima, vítimas-agressoras, agressores e espectadores. Grau de significância comprovado pelo teste qui-quadrado para homogeneidade e pela análise bivariada de correlação de Pearson. Ressalta-se que um mesmo adolescente apresentou características para um ou mais perfis.

Destaca-se a maior prevalência das meninas frente as ocorrências de *bullying*, apresentando maiores proporções em comparação aos meninos no que tange ao perfil de vítima. Quando agressoras, estas assumem formas mais sutis de agressão, como o *bullying* indireto, motivo esse que somado as demais formas de expressão do fenômeno tende a explicar uma maior incidência do público masculino quanto aos perfis de agressor, vítima-agressora e espectador.

Outra possível explicação pode estar associada ao processo de inserção do adolescente na cultura de pares ao afastar-se do âmbito familiar e aproximar-se de outros espaços sociais. Nessa perspectiva, principalmente nas fases iniciais da adolescência, quando os grupos de pares são unissexuais e mais numerosos entre os meninos, enquanto os grupos femininos constituem-se de relações mais intimas, influenciadas pela afetividade, laços de amizade, emoção e sentimentos, nos grupos masculinos estas relações norteiam-se pela resistência a autoridade adulta, pelas competições e alcance de objetivos (CHIPKEVITCH apud ARAÚJO, 2008; PIGOZI; MACHADO, 2015).

Para além disso, as regras e normas estabelecidas no grupo de pares tornam-se mais valoráveis que as parentais, bem como superam a dimensão individual do sujeito adolescente. Tal regulação relaciona-se à moda, estilos de roupas, costumes, padronização de condutas em relação a orientação sexual, inclusão e exclusão dos membros do grupo, permissão ou não para construção de novas relações, dentre outras práticas (TRINDADE, 2009).

O fator raça apresentou-se como significativo para adolescentes com o perfil vítima. Já o fator idade para vítima-agressora e agressor, em ambos os casos com maior prevalência na faixa etária entre 16 e 17 anos.

Ainda de acordo com o fator raça evidenciou-se que do total de adolescentes que se autodeclararam amarelo/oriental, todos assumem os perfis de vítima e de vítima-agressora. Embora não haja significância estatística entre perfil de vítima-agressora e raça, chama atenção a igualdade entre as proporções, o que poderia indicar uma forte latência e reatividade dos adolescentes frente as ocorrências de *bullying*.

Exemplo apresentado por Corsaro (2011), acerca da cultura de pares em pré-escolares narra o episódio em que uma criança (menina) utiliza-se de termos afetos as divisões de gênero para excluir outra (menino) das brincadeiras. Como justificativa alega utilizar da mesma estratégia que utilizam para com ela quando expressa o desejo em participar de brincadeiras com crianças do sexo oposto (CORSARO, 2011). Para além da reprodução de marcadores sociais de separação

de gênero, percebe-se no exemplo de Corsaro a reatividade da criança frente a exclusão antes sofrida, semelhante as ações da vítima-agressora no *bullying*.

Conforme Fante (2005) a vítima-agressora é aquele aluno que, tendo passado por situações de sofrimento na escola, tende a buscar indivíduos mais frágeis que ele para transformá-los em bodes expiatórios, na tentativa de transferir os maus-tratos sofridos. Para Silva (2012), estes representam o grupo que corre mais riscos visto que sua motivação vem de sua experiência como vítima. Não agem pelo desejo simplesmente de obter poder e respeito de seus colegas, mas são motivados pela raiva e vingança por já ter sofrido *bullying*.

Segundo relato de Canavêz e Melgaço (2011) apud Canavêz (2015), episódio ocorrido em abril de 2011 na cidade do Rio de Janeiro, exemplifica as consequências do *bullying* para aqueles que assumem o perfil de vítima-agressora. Conforme a autora um ex-aluno retornou à escola onde cursara parte do seu processo de escolarização e abriu fogo contra os presentes deixando alguns alunos mortos e outros feridos. Dentre as hipóteses apresentadas pela mídia como motivação do crime encontra-se o desejo de vingança frente a anterior condição de vítima de *bullying*, assumida pelo mesmo.

Outros significativos exemplos de massacre escolar, tendo o *bullying* como motivador, são apresentados por Vieira, Mendes e Guimarães (2009), ocorridos na *Columbine High School*, na cidade de Littleton, Colorado, Estados Unidos, em 1999 e na *Virginia Polytechnic Institute and State University*, 2007. Segundo os autores tanto em Columbine como na Virginia Tech, o ambiente escolar era altamente competitivo, marcado pela prática do *bullying* e pela falta de efetividade de professores e diretores para intervir junto às ocorrências do fenômeno.

Chama também a atenção as frequências de adolescentes envolvidos em ocorrências de *bullying* identificados como vítimas. Estas geralmente são crianças que apresentam características diferentes das demais, no que tange a raça, a problemas escolares, crianças autistas; com necessidades especiais de saúde ou doenças crônicas; obesas; adolescentes gays ou que estão questionando sua

sexualidade: meninos percebidos como “muito femininos” ou meninas como “muito masculinas” (SILVA, 2012).

Compõe um grupo de indivíduos cujas características e/ ou atributos, são considerados negativos. Em consequência do *bullying* podem desenvolver quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais como; sintomas psicossomáticos, transtorno do pânico, fobia escolar, fobia social, depressão, dentre outros (SILVA, 2010).

Em menor proporção, os espectadores são os alunos que presenciam o *bullying*, porém não o sofre nem o praticam. Representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio por temer se transformar em novo alvo para o agressor (FANTE, 2005).

Um dado interessante refere-se a significância estatística entre assumir os perfis de agressor e vítima-agressora e a faixa etária dos envolvidos, entre 16 e 17 anos, contrariando a proposta apresentada por Oliva apud Trindade (2009) e Chipkevitch apud Araújo (2008) quando que ao analisar o processo de adolescer bem como a tendência grupal de acordo com a faixa etária e as questões de gênero, afirmam ser a idade entre 17 e 20 anos a fase final da adolescência, momento em que se espera do sujeito a presença de relações mais profundas e significativas, uma diferenciação do grupo de pares e a consolidação de uma identidade.

Espera-se que marcadores sociais e/ou atributos individuais dos sujeitos, cuja presença subsidiou o fortalecimento da cultura de pares e o estabelecimento de relações mais íntimas como os laços de amizade na fase inicial da adolescência, e que, contudo, levam à restrição do campo relacional e a exclusão daqueles que na concepção do adolescente em questão se apresentam como diferentes e/ou desiguais, não sejam tão significativos para adolescentes cuja fase adulta se aproxima.

A análise bivariada de correlação de Pearson obteve também resposta positiva de correlação entre estar envolvido em ocorrências de *bullying* e ser vítima de violência doméstica e de violência social, bem como possuir perfil de vítima, vítima-agressora

e agressor e ser vítima de violência doméstica. Possuir perfil de vítima, vítima-agressora, agressor e espectador e ser vítima de violência social (Gráfico 5).

A correlação entre assumir os perfis de vítima e vítima-agressora e estar exposto a situações de violência doméstica e assumir os perfis de vítima, vítima-agressora e agressor e estar exposto a situações de violência social também foi significativa ao utilizar o teste qui-quadrado para homogeneidade.

No que tange à violência doméstica como fator de risco para o *bullying*, Lourenço e Senra (2012), destacam que crianças e adolescentes podem aprender e reproduzir, através do processo de observação e imitação dos modelos cognitivos e parentais, a agressão física e verbal. Ressaltam que as relações desiguais de poder na família, características de um lar em que o uso da violência é utilizado como estratégia de disciplina, são significativos para que crianças e adolescentes reproduzam tais condutas com seus pares e professores.

Tais achados corroboram aos dados apresentados por Fante (2005), quanto aos fatores determinantes apontados pelas crianças e adolescentes identificados nas ocorrências de *bullying*, a saber; agressões entre pares como consequência direta da violência doméstica sofrida e necessidade de imposição da autoridade sobre outrem em resposta ao autoritarismo dos pais.

O estudo não foi significativo para os fatores sociodemográficos, renda, grau de escolaridade dos pais ou tipo de configuração familiar, porém encontrou as menores proporções de envolvidos em ocorrências de *bullying* entre adolescentes cuja renda familiar é superior a 5 salários mínimos e os pais possuem ensino superior completo. No que tange ao grupo familiar, as proporções encontradas foram maiores em adolescentes pertencentes a outro tipo de configuração familiar que não a nuclear simples.

Conforme Andrade, Pereira e Vale (2008), o tipo de configuração familiar utilizado para definir a família contemporânea, é ainda o modelo de família nuclear burguesa, ou seja, o modelo patriarcal, hetero-normativo, baseado nas relações desiguais, onde pai, mãe (submissa) e filhos (do casal) residem na mesma casa. Segundo os

autores este modelo familiar encontra-se ainda tão arraigado ao imaginário coletivo, que outras configurações familiares são consideradas pela maioria das pessoas como famílias desestruturadas ou incompletas, a margem do modelo convencional.

Ainda de acordo com Andrade, Pereira e Vale (2008), é necessário compreender a família pós-moderna, não como desestruturada, e sim como reinventada, dados os novos arranjos que vem surgindo. Alertam que a possibilidade da família em cumprir a sua função social e simbólica está na sua capacidade de acolher e prover os seus membros através dos vínculos de autoridade e afetividade estabelecidos entre estes, das práticas de criação dos filhos e divisão das tarefas domésticas (AMAS, 1995 apud ANDRADE, PEREIRA; VALE, 2008).

O pátio da escola, seguido da sala de aula e posteriormente a rua, foram indicados pelos adolescentes como os principais locais de ocorrências de *bullying*. Dentre as formas de manifestação fora apontado tanto o *bullying* direto (ameaçar, colocar apelidos ou expor ao ridículo), quanto o *bullying* indireto (gelar, isolar, excluir).

Conforme apresentado no estudo, as formas de manifestação do *bullying* e locais de maior incidência corroboram aos achados de Fante (2005) ao afirmar que a partir da 5ª série, grau de seriação que se inicia aos 11 anos de idade, as condutas de *bullying* geralmente se dão através da linguagem visual, gestual e corporal, expressando-se através de ameaças, apelidos, difamações, discriminações, ofensas, furtos, abusos sexuais, indução aos maus-tratos e à exclusão da vítima do grupo social. Ocorrem principalmente no exterior da escola, tornando-se mais difícil a sua detecção (FANTE, 2005).

Em uma sociedade cuja dinâmica social é atravessada pelo culto ao individualismo e orientada para valores competitivos, reproduzidos em contextos sociais diversos como a escola e a família, a relação opressor X oprimido torna-se evidente. Comportamentos pró-sociais, de cooperação, de aceitação das diferenças, capazes de promover a paz social e o bem-estar comum, dão lugar aos comportamentos agressivos, hostis e antissociais (MAZINI; BRANCO, 2012).

Nesse contexto, desde muito cedo, crianças e adolescentes são orientados e estimulados à pratica da competição como estratégia para o alcance de seus

objetivos. Este senso de competição também se reflete na escola, seja através de atributos e estigmas socialmente construídos, capazes de no ambiente escolar dividir e hierarquizar os alunos conforme suas habilidades físicas e/ou intelectuais, ou através do próprio sistema educacional que os classifica em alunos “bons” ou “maus” (CROCHIK, 2012; CANAVÊZ, 2015).

Conforme aponta Goffman “a sociedade estabelece os meios de categorização das pessoas e o total de atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada categoria”, e deste modo, pelo reconhecimento social da ausência de atributos comuns e naturais, ou seja, pelo efeito em negativo, estabelece as representações da ausência de maneira violenta através da atribuição de um estigma – de fato, o estigma é um estereótipo que destaca apenas as ausências de atributos comuns a uma categoria social (GOFFMAN, 1988).

Quando os atributos são socialmente considerados negativos, cria-se em torno do indivíduo este estigma, motivo pelo qual o mesmo será considerado membro de uma categoria inferior, fadada à exclusão por parte daqueles que não se afastam negativamente das expectativas sociais, os ditos “normais”.

Nesse sentido, “estigmatizar torna mais fácil justificar comportamentos agressivos, opressores e omissos em relação aos outros” (MANZNINI; BRANCO, 2012).

Considera-se que o *bullying* tenha suas raízes no preconceito e na intolerância ao que se apresenta como diferente dos padrões impostos pela nossa sociedade (ANTUNES; ZUIN, 2008 apud CROCHIK, 2012; MANZNINI; BRANCO, 2012).
Segundo Souza (2009) e Bourdieu apud Nogueira (2014) há uma diferenciação entre as categorias culturais dos sujeitos pertencentes a diferentes classes, originárias dos seus processos de estruturação e do capital cultural, social ou econômico que possuem. Estes mesmos sujeitos tendem a reproduzir nos diversos espaços sociais, como o ambiente escolar, práticas originárias da sua classe. Reproduzir e valorizar um tipo específico de cultura como a da classe dominante e esperar que todos os alunos apresentem os mesmos resultados e/ou comportamentos parecidos é violá-los no seu direito de “ser”.

Eis aqui um exemplo característico do que Souza (2009) conceitua como violência simbólica. Segundo o autor a escola legitima um processo de reprodução social das desigualdades entre os indivíduos nascidos para o sucesso e indivíduos nascidos para o fracasso, ao não perceber que o processo de competição e sucesso social não nasce necessariamente no espaço escolar, mas antes, surge no campo de formação e socialização da família, que posteriormente é imposto e projetado no ambiente escolar (SOUZA, 2009).

Estudo realizado por Trindade e Menezes (2013), o qual investigou a prevalência de *bullying* em adolescentes, com faixa etária entre 16 e 18 anos, de um colégio público da cidade de Recife- PE, “escola de excelência”, conforme elucidam as autoras, identificou que esse “perfil de excelência” se tornou o motivador de *bullying* entre os pares, visto que os alunos com dificuldades de aprendizagem ou que obtinham notas baixas eram alvo de agressões verbais, xingamentos e humilhações. Para além disso as autoras destacam a naturalização das ocorrências tanto pelos adolescentes quanto pelo corpo docente, ao encará-las como simples brincadeiras (TRINDADE; MENEZES, 2013).

Inserida em uma cultura mais ampla, a escola apresenta-se como um local de produção e reprodução da violência traduzida pelas assimetrias sociais. Nesse sentido, tão importante quanto o repasse do ensino programático e da alfabetização dos alunos é o ensino do respeito e valorização das diferenças.

Isso posto, é possível afirmar que as intervenções frente as ocorrências de *bullying* não obterão êxito se não consideradas em um contexto mais amplo, para além das características individuais dos sujeitos envolvidos, ou seja, a dinâmica social e cultural na qual estão inseridos, o processo de hierarquização social que separa sujeitos entre dominantes e dominados e a aparente naturalização das desigualdades sociais em oposição ao que seria a naturalização e valorização das diferenças.

CONCLUSÃO

Corroborando aos achados nacionais e internacionais, o estudo em questão evidenciou a presença de *bullying* na maioria dos adolescentes participantes, de ambos os sexos, com maior prevalência na faixa etária entre 16 e 17 anos.

Diferentemente dos estudos apresentados por Fante (2005), umas das pioneiras nas investigações sobre *bullying* no Brasil, destacou-se o maior envolvimento do público feminino em comparação ao masculino. Outro fator importante da pesquisa foram as maiores proporções em adolescentes cuja fase adulta se aproxima.

Os adolescentes com respostas positivas para as ocorrências de *bullying*, foram classificados segundo perfis de vítima, vítima-agressora, agressor e espectador, destacando-se que um mesmo adolescente assumiu um ou mais perfis. Com exceção dos adolescentes identificados no perfil de espectadores, todos os demais estiveram também expostos a situações de violência doméstica. No que tange a violência social a correlação foi significativa para todos os perfis.

Evidenciou-se significância estatística entre raça e perfil de vítima. Ressalta-se que todos os adolescentes que se denominaram amarelo/oriental apresentaram perfil de vítima, bem como de vítima agressora, o que nos faz perceber um forte grau de reatividade e latência dos mesmos frente a exposição ao *bullying*. Isso posto, alinhando-se também a exposição à violência doméstica e social, torna-se possível afirmar que sendo vítimas de violência em outros espaços, os adolescentes tendem a reproduzir a violência sofrida com seus pares.

Outros fatores sociodemográficos como renda familiar, estudo dos pais ou tipo de configuração familiar não se apresentaram como significativos para ocorrências de *bullying*, porém percebeu-se menores proporções entre adolescentes que viviam com pai, mãe e irmãos (família nuclear simples), cujos pais possuíam maior grau de escolaridade e renda acima de 5 salários mínimos.

Tanto o *bullying* direito (físico e verbal), quanto o *bullying* indireto (relacional) foram apontados pelos adolescentes como formas de expressão do fenômeno, já a rua, a sala de aula e o pátio escolar, como locais de maior prevalência.

A luz do referencial teórico faz-se necessário contextualizar o *bullying* a partir de uma visão ampliada, para além das características individuais dos envolvidos, considerando que estes se inserem em um modelo societário marcado pela desigualdade social, pelo processo de divisão e hierarquização de classes, desvalorização das diferenças em oposição a valorização de uma cultura social dominante, reproduzida em diferentes espaços sociais como a escola. Dessa estrutura societária vigente emergem conflitos sociais expressos na atribuição de estigmas aos sujeitos, intolerância e aversão ao diferente, preconceitos e exclusão social.

Sendo o *bullying*, na proposta aqui apresentada, uma das mais variadas formas de reprodução da violência, as estratégias de intervenção devem superar a visão simplista do fenômeno, no que tange a classificação dos envolvidos em perfis de vítima (requer cuidados) e agressor (merece punição), para propostas ampliadas de mudança de todo um modelo societário capaz de uma naturalização e valorização das diferenças, o que propiciará um processo social mais simétrico e plural.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A.; ROCHA, R. L.; ARMOND. L. C. Da tendência grupal aos grupos operativos com adolescentes: a identificação dos pares facilitando o processo de orientação e educação em saúde. **Revista Médica de Minas Gerais**. Belo Horizonte, v. 18 (4 Supl 1), p. 123-130, 2008. Disponível em: http://rmmg.org/artigo/detalhes/1410. Acesso em: 11 de dez. de 2015.

ARAÚJO, A.; ROCHA, R. L.; ARMOND. L. C. O grupo de adolescentes na escola: a percepção dos participantes. **Revista Mineira de Enfermagem**. Belo Horizonte, v. 12.2, p.207-212, Abr/Jun. 2008. Disponível em: http://www.reme.org.br/content/imagebank/pdf/v12n2a10.pdf. Acesso em: 10 de dez. de 2015.

AMAS. Associação Municipal de Assistência Social. **Famílias de crianças e adolescentes:** diversidade e movimento. Belo Horizonte. AMAS, 1995.

BORSA, J. C.; PETRUCCI, G. W.; KOLLER, S. H. A participação dos pais nas pesquisas sobre o bullying escolar. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo, v. 19, n. 1, p.41-48, Jan/Abr. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pee/v19n1/2175-3539-pee-19-01-00041.pdf. Acesso em: 04 de fev. de 2016.

CANAVÊZ, F. A escola na contemporaneidade: uma análise crítica do bullying. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar**. São Paulo, v.19, n. 2, p.271-278, Mai/Ago. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pee/v19n2/2175-3539-pee-19-02-00271.pdf. Acesso em: 04 de fev. de 2016.

CARAVALHO, F. A. et al. Estratégias e instrumentos para a identificação de bullying em estudos nacionais. **Avaliação Psicológica**. Itatiba, v. 13, n. 3, p.343-350, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v13n3/v13n3a06.pdf. Acesso em: 04 de fev. de 2016.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre, Artmed, 2011.

CROCHIK, J. L. Fatores psicológicos e sociais associados ao bullying. **Psicologia Política**. São Paulo, v. 12, p.211-229, Mai/Ago. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v12n24/v12n24a03.pdf. Acesso em: 04 de fev. de 2016.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**. Campinas – SP, 2ª ed. Versus Editora. 2005.

FRANCISCO, M. V.; COIMBRA, R. M. Análise do bullying escolar sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. **Estudos de Psicologia**. Natal, v. 20, n. 3, p.184-195, Jul/Set. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/epsic/v20n3/1413-294X-epsic-20-03-0184.pdf. Acesso em: 04 de fev. de 2016.

GOFFMAN, E. **Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, Guanabara S.A. 1988.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=310670&search=minas-gerais|betim|infograficos:-informacoes-completas. Acesso em 27 de mar. de 2015.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Sinopse do censo demográfico 2010. Disponível em http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=26&uf=31#topo_piramide. Acesso em 27 de mar. de 2015.

LOURENÇO, L. M; SENRA, L. X. A violência familiar como fator de risco para o bullying escolar: contexto e possibilidades de intervenção. **Periódicos Eletrônicos em Psicologia**. Aletheia. Canoas, n. 37, p. 42-56, Jan./Abr. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n37/n37a04.pdf. Acesso em: 23 de set. de 2014.

MANZINI, R. G. P.; BRANCO, A. U. O bullying na perspectiva sociocultural construtiva. **Boletim de Psicologia**. v. LXII, n. 137, p.169-182, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v62n137/v62n136a06.pdf. Acesso em: 04 de fev. de 2016.

MARAFON, G.; SCHEINVAR, E.; NASCIMENTO, M. L. Conflitos enquadrados como bullying: categoria que aumenta tensões e impossibilita análises. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p.87-104, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pc/v26n2/06.pdf. Acesso em: 04 de fev. de 2016.

NOGUEIRA, A; NOGUEIRA, C. **Bourdieu & a educação**. Belo Horizonte. 4ª ed. Autêntica Editora, 2014.

OMS. **Organização Mundial de Saúde** (OMS). Relatório mundial de violência e saúde, Genebra, p.5, OMS, 2002.

OLWEUS, D. **Bullying at School**. Massachusetts: Blackwell Publishers Inc; 1993.

PEREIRA, C. D. C.; ANDRADE, E. I.; VALE, M. J. A. **Novas configurações familiares e os desafios da formação humana**. Instituto Aleixo & Universidade Veiga de Almeida. Contagem-MG/Rio de Janeiro-RJ. Setembro, 2008.

PIGOZI, P. L.; MACHADO, A. L. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**. v. 20, n. 11, p.3509-3522, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n11/1413-8123-csc-20-11-3509.pdf. Acesso em: 04 de fev. de 2016.

SILVA, A. B. B. **Bullying:** mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro, Objetiva, 2010.

SILVA, V. R. **Bullying não é brincadeira**. Campo Grande, MS: Ed. do autor. 2012.

SOUZA, J. **A ralé brasileira – quem é e como vive**. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2009.

TRINDADE, A. M. **Intimidações na adolescência: expressões da violência entre pares na cultura escolar**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Psicologia. Recife: o Autor, 2009. Disponível em: http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/8468/arquivo3740_1.pdf?sequence=1. Acesso em: 11 de dez. de 2015.

TRINDADE, A. M.; MENEZES, J. A. Intimidações na adolescência: expressões da violência entre pares na cultura escolar. **Psicologia & Sociedade**. Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p.142-151, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n1/16.pdf. Acesso em: 11 de dez. de 2015.

VIEIRA, T. M; MENDES, F. D. C; GUIMARÃES, L. C. De columbine à virgínia tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 22, n.3, p. 493-501, Out. 2007/Dez.2008.

Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n3/v22n3a21.pdf. Acesso em 23 de set. de 2014.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência:** os jovens do Brasil. Brasília, 2014. Disponível em: www.juventude.gov.br/juventudeviva. Acesso em: 27 de mar. de 2015.

WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. M. Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do cyberbullying. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p.73-87, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pc/v25n1/05.pdf. Acesso em: 04 de fev. de 2016.

WITTKOWSKI, K. M. et al. Combining several ordinal measures in clinical studies. **Statistics in Medicine**, v. 23, p. 1579-1592, 2004. Disponível em: http://www.readcube.com/articles/10.1002%2Fsim.1778?r3_referer=wol&tracking_action=preview_click&show_checkout=1&purchase_referrer=onlinelibrary.wiley.com&purchase_site_license=LICENSE_DENIED. Acesso em: 11 de fev. de 2016.

6 CRONOGRAMA

CRONOGRAMA																								
Mês/Ação	2014									2015												2016		
	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar
Revisão de literatura	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Construção, revisão e aprovação do questionário	X																							
Treinamento dos aplicadoes do questionário		X	X																					
Aplicação do questionário				X	X	X	X	X																
Apresentação do projeto à banca de qualificação									X															
Adequação da proposta										X	X	X												
Digitação dos dados													X	X	X									
Análise dos dados																X	X	X						
Trabalhos de conclusão para defesa pública																			X	X	X	X	X	
Defesa pública																								X

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Presente em todos os contextos sociais, a violência, requer para sua compreensão análises amplas de diferentes áreas do conhecimento. Manifestada de variadas formas atinge um todo social e torna expressiva a vitimização de determinados grupos populacionais. Em se tratando do Brasil, no que tange a violência, a literatura nos permite inferir que “ela” tem idade, gênero, raça, cor, condição socioeconômica, local de moradia, dentre outros aspectos.

Dada a sua magnitude e complexidade, por vezes, oculta o contexto do qual se origina, o que dificulta a proposição de estratégias exitosas de prevenção e intervenção.

Estudos recentes apontam a violência como uma das principais causas de morte na população jovem, vitimados cada vez mais cedo. Destacam-se os homicídios, acidentes de transito e suicídio. Um cotidiano atravessado pela violação de direitos, de uma parcela considerada como “prioridade absoluta”, é o que se apresenta no Brasil.

Não tão visível quanto as causas violentas apresentadas acima, embora propicie consequências negativas e duradouras, o *bullying* comumente passa despercebido aos olhos da família, da comunidade escolar, bem como dos próprios adolescentes, cuja lei do silêncio e desmerecimento dos impactos ocasionados são adotados.

Visando compreender a dinâmica do *bullying* entre os adolescentes do município de Betim – MG, correlacionando-o aos aspectos sociodemográficos dos envolvidos, a exposição a situações de violência doméstica e social e considerando o contexto histórico-cultural no qual se insere, o estudo possibilitou evidenciá-lo como uma forma de reprodução da violência.

Os dados demonstraram que altos são os índices de adolescentes envolvidos em ocorrências de *bullying*, de ambos os sexos, cuja fase adulta se aproxima. Estes classificaram-se segundo os perfis de vítima, vítima-agressora, agressor e

espectador, sendo que um mesmo adolescente assumiu um ou mais perfis. A presença de violência social e doméstica se mostrou significativa para os adolescentes, o que nos leva a crer que na grande maioria dos casos, independente do perfil apresentado, os mesmos são vítimas de outros tipos de violência, ocorridas em espaços sociais diversos, tendendo a reproduzi-la entre seus pares principalmente no ambiente escolar.

Para além disso, o estudo encontrou significância estatística entre raça e perfil de vítima e evidenciou que todos os adolescentes que se denominaram amarelo/oriental apresentaram perfil de vítima e de vítima agressora. Este dado indica um forte grau de reatividade e latência dos adolescentes frente a exposição ao *bullying*, corroborando à ideia de reprodução da violência sofrida.

Tanto o *bullying* direito (físico e verbal), quanto o *bullying* indireto (relacional) foram apontados pelos adolescentes como formas de expressão do fenômeno, já a rua, a sala de aula e o pátio escolar, como locais de maior ocorrência.

Não se evidenciou correlação entre renda familiar, estudo dos pais, tipo de configuração familiar e *bullying*.

O estudo sistemático do *bullying*, requer, para além da análise de características individuais dos envolvidos, sua contextualização histórico-cultural considerando o modelo social no qual se insere, modelo este, marcado por um processo de divisão e hierarquização de classes, desvalorização das diferenças em oposição a valorização de uma cultura social dominante, reproduzida em diferentes espaços sociais como a escola. Conforme Antunes & Zuin (2008) apud Crochik (2012), o *bullying* tem suas raízes no preconceito e como os demais conflitos sociais que emergem em nossa sociedade, expressa-se pela atribuição de estigmas aos sujeitos, intolerância, aversão ao diferente e exclusão social.

Nesse sentindo, as estratégias de prevenção e intervenção frente as ocorrências de *bullying* devem emergir de propostas amplas, corroborando à mudança de um todo social, cuja naturalização e valorização das diferenças em oposição às desigualdades sociais, propiciem um processo social mais simétrico e plural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, A.; ROCHA, R. L.; ARMOND. L. C. Da tendência grupal aos grupos operativos com adolescentes: a identificação dos pares facilitando o processo de orientação e educação em saúde. **Revista Médica de Minas Gerais**. Belo Horizonte, v. 18 (4 Supl 1), p. 123-130, 2008. Disponível em: http://rmmg.org/artigo/detalhes/1410. Acesso em: 11 de dez. de 2015.

ARAÚJO, A.; ROCHA, R. L.; ARMOND. L. C. O grupo de adolescentes na escola: a percepção dos participantes. **Revista Mineira de Enfermagem**. Belo Horizonte, v. 12.2, p.207-212, Abr/Jun. 2008. Disponível em: http://www.reme.org.br/content/imagebank/pdf/v12n2a10.pdf. Acesso em: 10 de dez. de 2015.

ARAÚJO, M. F. Violência e abuso sexual na família. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 7, n.2, p. 3-11, jul/dez.2002. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n2/v7n2a02. Acesso em: 22 de nov. de 2015.

BRASIL. **Lei n.º 13.185 de 06 de novembro de 2015**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccvil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm. Acesso em: 27 de mar. de 2015.

BRITO, L. M. T; SOARES, L. C. E. I. Números que pouco explicam: indicadores sobre famílias recasadas e bullying. **Psicologia USP**. São Paulo, vol.26, n.2, p.269-278, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pusp/v26n2/0103-6564-pusp-26-02-00269.pdf: Acesso em 26 de março de 2015.

CARILLO, M. H; MARTINEZ, M. I. G. Factores de riesgo asociados a la intimidación escolar en instituciones educativas públicas de cuatro municípios del departamento del Valle del Cauca. **Colombiana de Psiquiatria**. Bogotá, vol.42, n.3, p.238-247, July/Sept. 2013. Disponível em: http://apps.elsevier.es/watermark/ctl_servlet?_f=10&pident_articulo=90231694&pident_usuario=0&pcontactid=&pident_revista=379&ty=124&accion=L&origen=zonadelectura&web=www.elsevier.es&lan=es&fichero=379v42n03a90231694pdf001.pdf: Acesso em: 30 de set. de 2014.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre, Artmed, 2011.

DEPARTMENT OF CHILD AND ADOLESCENT HEALTH AND DEVELOPMENT - Family and Community Health. WHO. T**he second decade - improving adolescent health and development**. Genebra, World Health Organization, 2001. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/64320/1/WHO_FRH_ADH_98.18_Rev.1.pdf Acesso em 26 de mar. de 2015.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

FANTE, C; PEDRA, J. A. **Bullying escolar:** perguntas & respostas. Porto Alegre, Artmed, 2008.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**. Campinas – SP, 2. ed. Versus Editora. 2005.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. 2013. Disponível em: http://www.fjp.mg.gov.br/index.php/noticias-em-destaque/2678-fundacao-joao-pinheiro-divulga-pib-dos-municipios-de-minas-eraisshtm. Acesso em: 27 de mar. de 2015.

GOFFMAN, E. **Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, Guanabara S.A. 1988.

GOMES, L. F. **Brasil:** escassez de estudos e a deturpação do conceito de bullying. Disponível em: http://institutoavantebrasil.com.br/brasil-escassez-de-estudos-e-a-deturpacao-do-conceito-de-bullying/. Acesso em: 26 de mar. de 2015.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=310670&search=minas-gerais|betim|infograficos:-informacoes-completas. Acesso em: 27 de mar. de 2015.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Sinopse do censo demográfico 2010. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=26&uf=31#topo_piramide. Acesso em: 27 de mar. de 2015.

LENNING, O. T. et al. **Powerful learning communities:** a guide to developing student, faculty and professional learning communities to improve student success and organizational effectiveness. Stylus Publishing LLC. Virginia, 2013.

LOURENÇO, L. M; SENRA, L. X. A violência familiar como fator de risco para o bullying escolar: contexto e possibilidades de intervenção. **Periódicos Eletrônicos em Psicologia**. Aletheia. Canoas, n. 37, p. 42-56, Jan./Abr. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n37/n37a04.pdf. Acesso em: 23 de set. de 2014.

MALTA, D. C. et alii. Bullying nas escolas brasileiras: Resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2009. **Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro. vol.15, supl.2, p. 3053-3063, Oct. 2010. . Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/csc/v15s2/a11v15s2.pdf. Acesso em: 17 de jun. de 2014.

MALTA, D. C. et al. Iniciativas de vigilância e prevenção de acidentes e violência no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS). **Rev. Epidemiologia e Serviços de Saúde**. Brasília, v.16, n.1, p.45-55, jan./mar. 2007. Disponível em: http://scielo.iec.pa.gov.br/pdf/ess/v16n1/v16n1a05.pdf. Acesso em: 17 de mar. de 2014.

MELO. E. M. **Podemos prevenir a violência**. Organização Pan-Americana da Saúde. Brasília, 2010.

MONTEIRO, L. **Observatório da Infância**. O que todos precisam saber sobre bullying. Disponível em: http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id_article=232. Acesso em: 26 de mar. de 2015.

NOGUEIRA, A; NOGUEIRA, C. **Bourdieu & a educação**. Belo Horizonte. 4ª ed. Autêntica Editora, 2014.
OLWEUS, D. **Bullying at School**. Massachusetts: Blackwell Publishers Inc; 1993.

OMS. Organização Mundial de Saúde (OMS). **Relatório mundial de violência e saúde**, Genebra, p.5, OMS, 2002.

PNUD, Ipea e FJP. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**, Betim – MG. Disponível em: http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/634. Acesso em: 27 de mar. de 2015.

RENA, L. C. C. B. **Sexualidade e adolescência:** as oficinas como prática pedagógica. Belo Horizonte, 2. ed. Autêntica, 2006.

SILVA, A. B. B. **Bullying:** mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, V. R. **Bullying não é brincadeira**. Campo Grande, MS: ed. do autor. 2012.

SOUZA, J. **A ralé brasileira – quem é e como vive**. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2009.

SUYAMA, E.; QUININO, C. R.; BESSEGATO, F. L. **Tabela estendida de Kish para seleção aleatória de uma unidade amostral num domicílio**. Relatório técnico – RTP. Universidade Federal de Juiz de Fora – Instituto de ciências exatas – Departamento de estatística, 2013.

TRINDADE, A. M. **Intimidações na adolescência: expressões da violência entre pares na cultura escolar**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Psicologia. Recife: o Autor, 2009. Disponível em: http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/8468/arquivo3740_1.pdf?sequence=1. Acesso em: 11 de dez. de 2015.

TRINDADE, A. M.; MENEZES, J. A. Intimidações na adolescência: expressões da violência entre pares na cultura escolar. **Psicologia & Sociedade**. Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p.142-151, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n1/16.pdf. Acesso em: 11 de dez. de 2015.

VIEIRA, T. M; MENDES, F. D. C; GUIMARÃES, L. C. De columbine à virgínia tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 22, n.3, p. 493-501, Out. 2007/Dez.2008. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n3/v22n3a21.pdf. Acesso em 23 de set. de 2014.

ZAINE, I; REIS, M. J. D; PADOVANI, R. C. Comportamentos de bullying e conflito com a lei. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 27, n. 3, p. 375-382, jul./set. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n3/09.pdf. Acesso em: 23 de set. de 2014.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência:** os jovens do Brasil. Brasília, 2014. Disponível em: www.juventude.gov.br/juventudeviva. Acesso em: 27 de mar. de 2015.

WITTKOWSKI, K. M. et al. Combining several ordinal measures in clinical studies. **Statistics in Medicine**, v. 23, p. 1579-1592, 2004. Disponível em: http://www.readcube.com/articles/10.1002%2Fsim.1778?r3_referer=wol&tracking_action=preview_click&show_checkout=1&purchase_referrer=onlinelibrary.wiley.com&purchase_site_license=LICENSE_DENIED. Acesso em: 11 de fev. de 2016.

ANEXOS

Anexo I – Tabela de Variáveis

Tabela de Variáveis				
Item	**O que a variável permite identificar?**	**Número de Variáveis Disponíveis**	**Variáveis**	**Correspondência no Questionário (Nº da pergunta)**
1	**Aspectos sociodemográficos dos envolvidos em ocorrências de *bullying*.**	Sete	Idade, raça/cor, escolaridade dos pais, renda familiar, tipo de configuração familiar.	1, 2, 5, 6, 55, 56, 62
2	**Indica a localização no espaço (ocorrências de *bullying*).**	Uma	Local de ocorrência	26
3	**Indica os tipos de violência percebidos.**	Uma	Percepção das formas mais frequentes de violência.	32

Anexo II – Termo de aprovação Projeto de Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Projeto: CAAE – 02235212.2.0000.5149

Interessado(a): Profa. Elza Machado de Melo
Departamento de Medicina Preventiva e Social
Faculdade de Medicina - UFMG

DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 23 de novembro de 2012, o projeto de pesquisa intitulado **"Saúde e violência: subsídios para formulação de políticas de promoção de saúde e prevenção da violência"** bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.

Profa. Maria Teresa Marques Amaral
Coordenadora do COEP-UFMG

Av. Pres. Antonio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II - 2º andar – Sala 2005 – Cep:31270-901 – BH-MG
Telefax: (031) 3409-4592 - e-mail: coep@prpq.ufmg.br

Anexo III – Ata da Defesa de Dissertação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA/MP

UFMG

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO
MAICOM MARQUES DE PAULA

Realizou-se, no dia 31 de março de 2016, às 09:00 horas, Faculdade de Medicina, sala 826, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *Um estudo sobre o bullying como forma de reprodução da violência*, apresentada por MAICOM MARQUES DE PAULA, número de registro 2014657780, graduado no curso de SERVIÇO SOCIAL, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Ricardo Tavares - Orientador (UFOP), Prof(a). Dimitri Fazito de Almeida Rezende (UFMG), Prof(a). Márcia Rocha Parizzi (SMSA - PBH), Prof(a). Filipe Oliveira Raslan (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Ge).

A Comissão considerou a dissertação:

(X) Aprovada

( ) Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.
Belo Horizonte, 31 de março de 2016.

Prof(a). Ricardo Tavares

Prof(a). Dimitri Fazito de Almeida Rezende

Prof(a). Márcia Rocha Parizzi

Prof(a). Filipe Oliveira Raslan

CONFERE COM ORIGINAL
Centro de Pós-Graduação
Faculdade de Medicina - UFMG

Anexo IV – Folha de Aprovação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA/MP

UFMG

FOLHA DE APROVAÇÃO

Um estudo sobre o bullying como forma de reprodução da violência

MAICOM MARQUES DE PAULA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA, área de concentração PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA.

Aprovada em 31 de março de 2016, pela banca constituída pelos membros:

Prof. Ricardo Tavares - Orientador
UFOP

Prof. Dimitri Fazito de Almeida Rezende
UFMG

Prof(a). Márcia Rocha Parizzi
SMSA - PBH

Prof. Filipe Oliveira Raslan
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Ge

Belo Horizonte, 31 de março de 2016.

APÊNDICES

Apêndice I – Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015.

LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015.

Vigência

Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**).

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**) em todo o território nacional.
§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (**bullying**) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.
§ 2º O Programa instituído no **caput** poderá fundamentar as ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como de outros órgãos, aos quais a matéria diz respeito.

Art. 2º Caracteriza-se a intimidação sistemática (**bullying**) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda:
I - ataques físicos;
II - insultos pessoais;
III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
IV - ameaças por quaisquer meios;
V - grafites depreciativos;
VI - expressões preconceituosas;
VII - isolamento social consciente e premeditado;
VIII - pilhérias.

Parágrafo único. Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (**cyberbullying**), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.

Art. 3º A intimidação sistemática (**bullying**) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como:
I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;
II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;
III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;
IV - social: ignorar, isolar e excluir;
V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;
VI - físico: socar, chutar, bater;

VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;
VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social.

Art. 4º Constituem objetivos do Programa referido no **caput** do art. 1º:
I - prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (**bullying**) em toda a sociedade;
II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;
III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;
IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;
V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;
VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;
VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;
VIII - evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil;
IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (**bullying**), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar.

Art. 5º É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (**bullying**).

Art. 6º Serão produzidos e publicados relatórios bimestrais das ocorrências de intimidação sistemática (**bullying**) nos Estados e Municípios para planejamento das ações.

Art. 7º Os entes federados poderão firmar convênios e estabelecer parcerias para a implementação e a correta execução dos objetivos e diretrizes do Programa instituído por esta Lei.

Art. 8º Esta Lei entra em vigor após decorridos 90 (noventa) dias da data de sua publicação oficial.

Brasília, 6 de novembro de 2015; 194º da Independência e 127º da República.
DILMA ROUSSEFF
Luiz Cláudio Costa
Nilma Lino Gomes
Este texto não substitui o publicado no DOU de 9.11.2015

Apêndice II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Responsáveis por sujeitos de 10 a 16 anos

QUESTIONÁRIO ADOLESCENTES	Questionário Nº	
	Entrevistador	Data

Termo de consentimento de pais ou responsáveis de adolescentes menores de 16 anos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Responsáveis por sujeitos de 10 a 16 anos

O seu filho é convidado a participar da pesquisa Investigação dos Riscos de Saúde para Adolescentes e seus Determinantes. Esta pesquisa pretende identificar fatores de risco e de proteção de saúde que podem atingir e proteger os adolescentes do município de Belo Horizonte.
O Sr.(a) caso aceite a participação de seu filho nesta pesquisa, ele responderá um questionário autoaplicável com duração média de 60 minutos apresentado por pesquisadores em sala de aula ou participará de grupo focal em horário pré-estabelecido, na sala de aula, com duração aproximada de 60 minutos. O questionário e o roteiro do grupo focal foi totalmente elaborado por pesquisadores do NÚCLEO – Promoção de Saúde e Paz. Serão garantidos o anonimato e o sigilo do respondente. A participação do seu filho é gratuita e voluntária e, a qualquer momento, ele pode retirar-se da pesquisa.
Os dados obtidos serão utilizados somente nesta pesquisa e os resultados de sua análise apresentados em artigos e eventos científicos.
Esta pesquisa não apresenta riscos a sua integridade física do seu filho e quanto aos benefícios, acredita-se que os resultados podem fornecer subsídios a abordagem dos fatores que interferem na em sua saúde.
Os pesquisadores estão à disposição para qualquer esclarecimento necessário.
Agradecemos à disponibilidade.

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2014.

De acordo.

_____

Pesquisadores:
Prof. Dra. Elza Machado de Melo - Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina/UFMG, Tel. 34099945 ou 97022078
Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG
Endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II - 2º andar Campus Pampulha Belo Horizonte, MG – Brasil CEP: 31270-901.
Telefax (31) 3409-4592.

Apêndice III – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Adolescentes maiores de 17 anos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sujeitos de 17 anos ou mais

Você está sendo convidado a participar da pesquisa Investigação dos Riscos de Saúde para Adolescentes e seus Determinantes. Esta pesquisa pretende identificar fatores de risco de saúde que podem atingir os adolescentes do município de Belo Horizonte.
Você responderá um questionário com duração média de 60 minutos apresentado por pesquisadores em sala de aula e posteriormente, em horário pré-estabelecido. Este questionário foi totalmente elaborado por pesquisadores do NÚCLEO – Promoção de Saúde e Paz. Serão garantidos o anonimato e sigilo das suas respostas. A sua participação é gratuita e voluntária e, a qualquer momento, você pode retirar-se da pesquisa.
Os dados obtidos serão utilizados somente nesta pesquisa e os resultados de sua análise apresentados em artigos e eventos científicos.
Esta pesquisa não apresenta riscos a sua integridade física e quanto aos benefícios, acredita-se que os resultados possam fornecer subsídios para a abordagem dos fatores que interferem em sua saúde.
Durante toda a realização do trabalho, você tem o direito de tirar suas dúvidas sobre a pesquisa na qual está participando. Os pesquisadores estão à disposição para qualquer esclarecimento necessário.
Agradecemos à disponibilidade.
Atenciosamente.

Baseado neste termo, eu, _____, aceito participar da pesquisa, Investigação dos Riscos de Saúde para Adolescentes e seus Determinantes em acordo com as informações acima expostas.

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2014.

De acordo.

_____

Pesquisadores:
Prof. Dra. Elza Machado de Melo - Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina/UFMG, Tel. 34099945 ou 97022078

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG
Endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II - 2º andar Campus Pampulha Belo Horizonte, MG – Brasil CEP: 31270-901.Telefax (31) 3409-4592.
NÚCLEO - Promoção de Saúde e Paz

Apêndice IV – Questionário

Departamento de Medicina Preventiva Social

Faculdade de Medicina – UFMG

QUESTIONÁRIO ADOLESCENTES	Questionário Nº	
	Entrevistador	Data

Lembre-se: Não coloque seu nome no questionário. Assim ninguém poderá saber as suas respostas.

1 - Você é:

( ) Homem ( ) Mulher

2 - Qual é a sua idade? _____ anos

3 - Você é:

( ) Solteiro ( ) Casado

( ) Amigado ( ) Separado

4 - Em que cidade você nasceu? _____

5 - Você é:

( ) Branco ( ) Negro

( ) Mestiço/Pardo ( ) Oriental/Amarelo

( ) Indígena

6 - Você mora: (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) Com seu pai ( ) Com sua mãe

( ) Com seus irmãos ( ) Com padrasto/madrasta

( ) Com marido/esposa ( ) Com outros parentes

( ) Com amigos ( ) Com outras pessoas

( ) Sozinho ( ) Numa instituição para menores

RELIGIÃO

7 - Você acredita em Deus?

( ) Sim ( ) Não

8 - Você vai à missa ou ao culto religioso?

( ) Sim ( ) Às vezes ( ) Não

ESCOLA

9 - Qual série você está estudando? _____

10 - Você já foi reprovado na Escola?

( ) Sim, uma vez ( ) Sim, duas vezes

( ) Sim, mais de duas vezes ( ) Não

11 - Você já abandonou a escola alguma vez?

( ) Sim ( ) Não

12 - Você se relaciona bem com a maioria dos seus colegas?

( ) Sim ( ) Não

13 - Em quantos amigos (as) na sua escola você confia?

( ) 1 ( ) Entre 2 e 5

( ) 6 ou mais ( ) Nenhum

14 - Os seus professores lhe tratam bem?

( ) Sim ( ) Não

15 - Como estão suas notas na escola?

( ) Bom ( ) Mais ou menos ( ) Mal

16 - Você se sente seguro na escola em que estuda?

( ) Sim ( ) Não. Por quê? _____

17 - Você se sente sozinho no recreio porque seus amigos não querem estar com você?

( ) Muitas vezes ( ) Poucas vezes ( ) Nunca

18 - Você se sente ameaçado e/ou pressionado por alguém na sua escola?

( ) Sim ( ) Não

Quem? _____

19 - Onde estão as pessoas que ameaçam e/ou pressionam? (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) Na mesma classe ( ) No mesmo curso/turno/série/porém em outra classe

( ) Em uma série superior ( ) Em uma série inferior.

( ) Não sei ( ) Não se sente ameaçado.

20 - Alguém já espalhou piadinhas/comentários maldosos sobre você na escola?

( ) Sim ( ) Não

21 - Desde quando esta situação ocorre?

( ) Há uma semana ( ) Há um mês

( ) Desde o princípio do curso ( ) Sempre me “zoaram”

( ) Nunca ninguém me “zoou”

22 - Você agride ou maltrata alguns dos seus colegas de escola?

( ) Muitas vezes ( ) Poucas vezes ( ) Nunca

23 - Você espalha piadinhas/comentários maldosos sobre colegas da escola?

( ) Sim ( ) Não

24 - Você acha que seus colegas também sofrem ameaças/intimidações?

( ) Sim ( ) Não

25 - Quem você acha que intimida seus colegas?

( ) Um menino ( ) Um grupo de meninos

( ) Uma menina ( ) Um grupo de meninas

( ) Um grupo de meninos e meninas ( ) Não sei

26 - Em que locais/lugares podem ocorrer as situações de intimidação e maus-tratos?

( ) Na sala de aula ( ) No pátio

( ) Na rua ( ) Não sei

( ) Outros: _____

27 - Quem pode parar as situações de intimidação?

( ) Algum professor ( ) Algum colega

( ) Não sei ( ) Ninguém

28 - Se você sofre intimidações na escola, o que você faz? (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) Falo com os professores ( ) Falo com minha família

( ) Falo com meus colegas ( ) Não falo com ninguém

( ) Procuro a coordenação ou direção ( ) Ninguém me intimida

29 - Você seria capaz de intimidar algum de seus colegas em alguma ocasião?

( ) Só se me provocarem ( ) Sim, se estiver com os meus amigos

( ) Sim, isso me diverte muito ( ) Não sei

( ) Outras razões:_____

( ) Nunca

30 - Você participa de situações em que seus companheiros são intimidados?

( ) Sim ( ) Não

31 - Se participa, por quê? (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) Porque me provocaram

( ) Porque são diferentes (gordo, orelhudo, torto, negro).

( ) Porque são mais lentos. ( ) Para zoar

( ) Para me divertir ( ) Não sei .

( ) Outros ( ) Não intimido ninguém.

32 - Quais são, em sua opinião, as formas mais freqüentes de intimidação ou maus tratos entre os colegas?

( ) Colocar apelidos ou expor ao ridículo ( ) Agredir
( ) Roubar ( ) Ameaçar
( ) Gelar, isolar, excluir ( ) Não sei
( ) Outros: _____

33 - Com que frequência ocorrem as intimidações em sua escola

( ) Muitas vezes ( ) Poucas vezes ( ) Nunca

34 - Qual é a sua opinião sobre os adolescentes que intimidam outros colegas? (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) Agem normalmente, porque isso é comum entre colegas
( ) Fazem o que devem fazer pois têm seus motivos
( ) Estão errados em fazer esse tipo de coisas
( ) Nada, desconheço o assunto

35 - Em sua opinião, por que alguns adolescentes intimidam os outros?

( ) Porque se metem com eles ( ) Porque são mais fortes
( ) Porque gostam de zoar os outros ( ) Não sei
( ) Outras razões: _____

36 - O que você pode fazer quando um colega intimida o outro?

( ) Aviso alguém que possa parar com a situação
( ) Tento eliminar/acabar com a situação pessoalmente
( ) Nada, mas acredito que deveria ter feito algo
( ) Nada, desconheço o assunto

37 - Você acha que é possível resolver esse tipo de problema?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei

SOBRE VOCÊ

38 - Responda sobre você: (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) Confio em mim mesmo
( ) Não gosto da vida que levo
( ) Tenho muitos amigos
( ) Sou muito conhecido na cidade
( ) Sou triste
( ) Não estou contente com meu corpo
( ) Sou rebelde
( ) Sou criativo
( ) Sou inteligente
( ) Me sinto rejeitado pelas pessoas
( ) Gosto de aventuras
( ) Sei o que quero da vida
( ) Sinto-me rejeitado pelos meus amigos
( ) Sinto que tenho poucas chances na vida.

39 - O que você faz para se divertir? (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) Jogo xadrez
( ) Jogo baralho
( ) Pratico esporte
( ) Faço passeios
( ) Vou a barzinhos
( ) Assisto televisão
( ) Vou ao clube
( ) Andar de bicicleta
( ) Saio para brigar
( ) Saio para zonear
( ) Leitura
( ) Vou a festas
( ) Vou ao cinema
( ) pratico capoeira
( ) Encontro com amigos
( ) Balada
( ) Jogos de computadores/internet
( ) Jogo videogame/Playstation
( ) Uso drogas
( ) Navego na internet
( ) Não tenho diversão
( ) Pratico artes marciais
( ) Vou à igreja
( ) Vou à casa de parentes
( ) Invento diversões perigosas
( ) Namoro
( ) Faço pichação
( ) outros

40 - De quais desses grupos você participa? (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) Grupos religiosos
( ) Partidos políticos
( ) Grêmios estudantis
( ) Associação de bairro

( ) Grupos de jovens ( ) Grupos de dança, grupos de teatro ou de música
( ) Sindicatos ( ) Não participo de nenhum grupo
( ) Gangues ( ) Outras _____

41 - Quais são seus planos para o futuro? (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) Quero arrumar um bom emprego
( ) Eu quero ter poder para fazer o que eu quiser
( ) Concluir o segundo grau
( ) Eu quero ter muito poder para ser respeitado
( ) Eu quero ter muito poder para vingar de tudo que eu sofri
( ) Casar e constituir uma família
( ) Pretendo fazer faculdade
( ) Sair de onde moro
( ) Eu quero ajudar a minha comunidade
( ) Eu acho que não tenho futuro
( ) Outros: _____

42 - Você se sente sozinho?

( ) Sempre ( ) Às vezes ( ) Nunca

43 - Você já fugiu de casa?

( ) Sim. Por quê? _____
( ) Não

44 - Você está contente com você mesmo?

( ) Muito ( ) Pouco ( ) Nada

45 - Comparando a vida dos seus amigos com a sua, o que você acha de sua vida?

( ) Muito melhor ( ) Melhor
( ) Igual ( ) Pior
( ) Muito pior

46 - As pessoas da sua idade fazem você se sentir rejeitado ou envergonhado por causa do seu jeito de pensar?

( ) Sim, muitas vezes ( ) Sim, às vezes ( ) Não

47 - Você se sente capaz de vencer suas tristezas ou problemas?

( ) Sim, muitas vezes ( ) Sim, as vezes ( ) Não

48 - Você confia no seu futuro?

( ) Muito ( ) Pouco ( ) Nada

49 - Você tem mesada?

( ) Sim. Quanto? _____

( ) Não.

50 - Você tem filhos?

( ) Sim ( ) Não

51 - Você vai ao médico regularmente?

( ) Sim. Onde? _____

( ) Não

52 - Você tem algum problema de saúde?

( ) Sim. Qual? _____

( ) Não

53 - Você faz uso de algum medicamento?

( ) Sim. Qual? _____

( ) Não

54 - Você conhece o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)?

( ) Sim ( ) Não

FAMÍLIA

55 - Até que série seu pai/ responsável estudou?

( ) Não sabe ler
( ) Nunca foi à escola, mas sabe ler
( ) 1ª a 4ª série
( ) 5ª a 8ª série
( ) 2º grau incompleto
( ) 2º grau completo
( ) Faculdade incompleta
( ) Faculdade completa
( ) Não sei

56 - Até que série sua mãe/ responsável estudou?

( ) Não sabe ler
( ) Nunca foi à escola, mas sabe ler
( ) 1ª a 4ª série
( ) 5ª a 8ª série
( ) 2º grau incompleto
( ) 2º grau completo
( ) Faculdade incompleta
( ) Faculdade completa
( ) Não sei

57 - A sua relação com os seus pais é:

( ) Muito boa
( ) Boa
( ) Ruim
( ) Muito Ruim

58 - Brigas são comuns na sua família?

( ) Sim
( ) Não

59 - Alguém da sua casa já abandonou a família?

( ) Sim. Quem? _____
( ) Não

60 - Sobre quais desses assuntos você conversa com seus pais? (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) Esportes
( ) Religião
( ) Doenças sexuais (DST´s)
( ) Namoro
( ) Trabalho
( ) Sexo
( ) Escola
( ) Drogas
( ) Como evitar a gravidez
( ) Não converso sobre nenhum destes assuntos
( ) Outros

61 - Quando você sai de casa, seus pais sabem onde você está?

( ) Sim ( ) Não

62 - Qual é a renda mensal da sua família?

( ) Menos de um salário mínimo ( ) Um salário mínimo

( ) De um a dois salários mínimos ( ) De dois a três salários mínimos

( ) De três a quatro salários mínimos ( ) De quatro a cinco salários mínimos

( ) Acima de cinco salários mínimos ( ) Não sei

63 - Tem alguém desempregado em sua casa?

( ) Sim ( ) Não

TRABALHO

64 - Atualmente você trabalha?

( ) Sim. Em que? _____

( ) Não

65 - Você já trabalhou em algum momento da sua vida?

( ) Sim ( ) Não

Se você respondeu <u>NÃO</u> pule as próximas perguntas e vá direto para o bloco <u>TRÂNSITO</u>

66 - Quantos anos você tinha quando começou a trabalhar? _____anos.

67 - Quanto você recebe pelo seu trabalho?

( ) Menos de um salário mínimo (menos de R$ 724,00)

( ) Um salário mínimo (R$ 724,00)

( ) Mais de um até dois salários mínimos (mais de R$ 724,00 até R$ 1.448,00)

( ) Mais de dois até três salários mínimos (mais de R$ 1.448,00 até R$ 2.172,00)

( ) Mais de três até quatro salários mínimos (mais de R$ 2.172,00 até R$ 2.896,00)

( ) Mais de quatro até cinco salários mínimos (mais de R$ 2.896,00 até 3.620,00)

( ) Acima de cinco salários mínimos (acima de R$ 3.620,00)

( ) Não sei

( ) Não recebo pelo meu trabalho

68 - O pagamento pelo seu trabalho é:

( ) Diário ( ) Semanal

( ) Mensal ( ) Não recebo pelo meu trabalho

69 - Quantas horas por dia você trabalha? _____horas.

70 - Você trabalha com carteira assinada?

( ) Sim ( ) Não

71 - Qual o principal motivo que levou você a trabalhar? (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) Para ajudar em casa

( ) Para ser independente e comprar as suas coisas

( ) Porque já tinha chegado a idade de trabalhar

( ) Para aprender uma profissão

( ) Porque não tirava boas notas na escola.

( ) Para não ficar à toa

( ) Porque não gostava da escola

( ) Porque fui obrigado

72 - Você já se machucou no trabalho?

( ) Sim ( ) Não

73 - Você já teve ou tem alguma doença provocada pelo trabalho?

( ) Sim. Qual? _____

( ) Não ( ) Não sei

74 - Você gosta do seu trabalho?

( ) Sim ( ) Não

75 - Quais são os riscos de seu trabalho? (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) Carrego, empurro ou levanto peso
( ) Trabalho à noite
( ) Meu trabalho não tem horário certo
( ) Me atrapalha na escola
( ) Acidentes de trânsito
( ) Apanho quando não trabalho direito
( ) O lugar de trabalho é muito quente
( ) O lugar de trabalho é tem muito barulho
( ) O lugar de trabalho tem poeira e fumaça
( ) Trabalho com produtos químicos perigosos e venenosos
( ) No meu trabalho, eu preciso mexer com lixo, esgoto, fezes e urina
( ) Ferramentas e máquinas perigosas
( ) Trabalho todo o tempo em pé
( ) Meu trabalho me atrapalha comer ou ir ao banheiro
( ) Outros. Quais? _____

TRÂNSITO

76 - Nos últimos 12 meses, quais meios de transporte abaixo você utilizou mais de uma vez por semana?

Carro (você como motorista)	( ) Sim	( ) Não
Carro (você como passageiro)	( ) Sim	( ) Não
Motocicleta (você como motorista)	( ) Sim	( ) Não
Motocicleta (você como passageiro)	( ) Sim	( ) Não
Ônibus ou metrô	( ) Sim	( ) Não
Veículos pesados (motorista ou passageiro)	( ) Sim	( ) Não
Bicicleta	( ) Sim	( ) Não
Sai a pé	( ) Sim	( ) Não
Outros	( ) Sim	( ) Não

77 - Se você já dirigiu, com quantos anos você fez isto pela primeira vez?

( ) Motocicleta _____ anos de idade

( ) Carro _____ anos de idade

78 - Com relação às situações de trânsito abaixo, nos últimos 12 meses, com que frequência adotou os comportamentos descritos.

	Sempre	Quase Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca
Atravessou a rua usando o celular ou fone de ouvido					
Foi passageiro de veículo cujo condutor tinha ingerido bebida alcoólica					
Dirigiu ou pilotou sem carteira de habilitação ou permissão para dirigir					
Dirigiu ou pilotou após ingerir bebida alcoólica					
Deixou de usar cinto de segurança no banco de trás					
Andou de moto sem usar o capacete					
Dirigiu/pilotou com velocidade acima do limite permitido					

79 - Com relação às situações de trânsito abaixo, o quanto considera arriscados os comportamentos descritos.

	Muito arriscado	Arriscado	Às vezes é arriscado	Pouco arriscado	Não é arriscado
Atravessar a rua usando o celular ou fone de ouvido					
Ser passageiro de veículo cujo condutor tenha ingerido bebida alcoólica					
Dirigir ou pilotar sem carteira habilitação					

Dirigir ou pilotar após ingerir bebida alcoólica					
Deixar de usar cinto de segurança no banco de trás					
Andar de moto sem usar o capacete					
Dirigir/pilotar com velocidade acima do limite permitido					

80 - Você concorda com uma lei que pune quem dirige sob o efeito de álcool?

( ) Sim ( ) Não

SEXUALIDADE

81 - Você namora?

( ) Sim ( ) Não

82 - Você já se apaixonou por alguém?

( ) Sim e na maioria das vezes fui correspondido

( ) Sim e na maioria das vezes não fui correspondido

( ) Não

83 - Você já "ficou" com alguém?

( ) Sim ( ) Não

84 - Você já fez sexo?

( ) Sim ( ) Não

Se você respondeu <u>NÃO</u> pule as próximas perguntas e vá direto para o bloco de perguntas sobre <u>VIOLÊNCIA</u>

85 - Que tipo de relação sexual você tem (ou já teve)? (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) Sexo vaginal ( ) Sexo oral

( ) Sexo anal ( ) Sexo sem penetração

86 - Quantos anos você tinha quando fez sexo pela primeira vez? _____anos

87 - Você usa camisinha?

( ) Sim ( ) Às vezes ( ) Não

88 - Você ou seu parceiro (a) já tiveram ou tem alguma doença sexualmente transmissível?

( ) Sim. Qual? _____

( ) Não

89 - Você já fez sexo com alguém do mesmo sexo que o seu?

( ) Sim ( ) Não

90 - Você e a pessoa com quem você transa usam algum método para evitar a gravidez?

( ) Sempre, em todas as relações sexuais

( ) Às vezes usamos

( ) Nunca usamos

91 - Quais métodos você usa para evitar a gravidez? (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) Camisinha ( ) Diafragma

( ) DIU ( ) Parar no meio da relação

( ) Tabelinha ( ) Pílula

( ) Uso outro método. Qual? _____

92 - Você ou sua parceira já engravidou alguma vez?

( ) Sim ( ) Não

93 - Você ou sua parceira já tentou ou conseguiu abortar?

( ) Sim, tentei abortar. Como? _____

( ) Sim, abortei. Como? _____

( ) Não

94 - Se você ou sua parceira perdeu ou abortou um filho, onde foi?

( ) Em hospital ou posto de saúde ( ) Em clínicas

( ) Em casa ( ) Em outro lugar. Onde? _____

( ) Nunca tirei/ perdi um filho

VIOLÊNCIA

95 - Você já apanhou na rua?

( ) Sim ( ) Não

96 - Você já apanhou em casa até ficar machucado?

( ) Sempre ( ) Ás vezes ( ) Nunca

97 - Você já bateu em alguém?

( ) Sim ( ) Não

98 - Você já foi desrespeitado por causa da sua cor?

( ) Sim ( ) Não

99 - Alguém já se aproveitou de você sexualmente?

( ) Sim ( ) Não

100 - Você acha o bairro onde mora violento?

( ) Sim ( ) Não

101 - Você já foi assaltado no bairro onde você mora?

( ) Sim. Quantas vezes? _____

( ) Não

102 - Você tem medo de andar nas ruas do seu bairro?

( ) Sim

( ) Não. Por quê? _____

103 - Você já deixou de fazer alguma coisa por causa da violência?

( ) Sim. Escreva sobre o que aconteceu _____

( ) Não

104 - Você já viu alguma situação de violência perto da sua casa?

( ) Sim. Qual? _____

( ) Não

105 - Você acha que as palavras podem ofender uma pessoa?

( ) Sim ( ) Não

106 - Você já foi ofendido com palavras?

( ) Sim ( ) Não

107 - Você já ofendeu alguém com palavras?

( ) Sim ( ) Não

108 - Você já praticou qualquer tipo de violência?

( ) Sim. O que você fez? _____

( ) Não

109 - Você já feriu alguém?

( ) Sim. Como? _____

( ) Não

110 - Você se acha violento(a)?

( ) Sim ( ) Às vezes ( ) Não

Por quê? _____

111 - Você tem algum tipo de arma?

( ) Sim. Qual? _____

( ) Não

112 - Você já judiou de algum animal?

( ) Sim ( ) Não

113 - Você já falsificou algum documento? (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) De boletins escolares

( ) De advertências disciplinares

( ) De carteira de identidade

( ) De carteira de cinema

( ) Cheques

( ) Outros. Qual? _____

( ) Não

114 - Você já danificou coisas de propósito?

( ) Sim ( ) Não

115 - Você já danificou coisas em momentos de raiva ou rebeldia ou sensação de injustiça (impulso do momento)?

( ) Sim ( ) Não

116 - Você já tomou parte de briga na qual um grupo de amigos seus lutou com outro grupo?

( ) Sim ( ) Não

117 - Você já participou de espancamento de um ou mais pessoas por um grupo em número muito maior?

( ) Sim ( ) Não

118 - Você já foi vítima de qualquer tipo de violência?

( ) Sim ( ) Não

119 - No caso de ter sido vítima de violência, você procurou ajuda?

( ) Sim. De quem? _____

( ) Não

( ) Nunca fui vítima de violência

120 - Você já foi obrigado a fazer sexo com outra pessoa?

( ) Sim ( ) Não

121 - Você já obrigou alguém a fazer sexo com você?

( ) Sim ( ) Não

122 - Ultimamente, tem havido muitas notícias sobre abuso sexual de crianças e adolescentes pelos membros da própria família. Experiências desse tipo já aconteceram com você?

( ) Sim ( ) Não

123 - Você já fez sexo em troca de alguma coisa?

( ) Sim ( ) Não

124 - Você acha que existe uma forma de diminuir a violência?

( ) Sim. Como? _____

( ) Não

125 - Você acha que violência é: (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso.)

( ) Coisa de pobre ( ) Coisa de rico

( ) Coisa de bandido ( ) Coisa de playboy

( ) Coisa de qualquer pessoa ( ) Coisa de gente ruim

( ) Outra coisa. Qual? _____

DROGAS

126 - Seu pai ou sua mãe fumam?

( ) Os dois fumam ( ) Um deles fuma ( ) Nenhum deles fuma

127 - Seu pai ou sua mãe tomam bebida alcoólica?

( ) Os dois tomam ( ) Um deles toma ( ) Nenhum deles toma

128 - Você Fuma?

( ) Sim ( ) Não ( ) Já fumei e não fumo mais

129 - Quantos cigarros você fuma por dia?

( ) 1 a 5 cigarros ( ) 5 a 10 cigarros ( ) 10 a 20 cigarros

( ) Mais de 20 cigarros ( ) Não fumo

130 - Com que idade você começou a fumar: _____ anos.

( ) Não fumo

131 - Você faz uso de bebidas alcoólicas?

( ) Sim ( ) Sim. Mas não bebo mais ( ) Não

132 - Quantas vezes você toma bebidas alcoólicas?

( ) Uma vez por semana ( ) Duas vezes por semana

( ) Três vezes por semana ( ) Quatro vezes por semana

( ) Todos os dias ( ) De vez em quando

( ) Quase nunca ( ) Não bebo

133 - Quantos anos você tinha quando começou a tomar bebidas alcoólicas?

_____ anos ( ) Não bebo

134 - Você conhece alguém que usa drogas?

( ) Sim ( ) Não

135 - Você já usou droga alguma vez?

( ) Uso ( ) Já usei

( ) Apenas experimentei ( ) Gostaria de experimentar

( ) Não

Se você respondeu <u>NÃO</u> pule as próximas perguntas e vá direto para o bloco para o bloco de perguntas <u>TEMÁTICAS</u>

136 - Se você usa ou já usou drogas, quais são elas? (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) Maconha
( ) Crack / Paco
( ) Cocaína
( ) Toxheiger
( ) LSD ou ácido
( ) Tranquilizantes/calmantes
( ) Benzina ou tinner ou solvente
( ) Lança perfume ou loló
( ) Remédio para emagrecer
( ) Cola de sapateiro
( ) Chá de cogumelo
( ) Anabolizante (bomba)

137 - Se você usa, ou já usou droga, porque o fez? (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) Por curiosidade
( ) Por prazer
( ) Fui estimulado ou pressionado por colegas
( ) Porque estava triste, deprimido ou nervoso
( ) Porque estava insatisfeito com a minha vida
( ) Porque estava com dificuldades de me relacionar com a minha família
( ) Porque estava com dificuldades de me relacionar com os amigos
( ) Porque estava com dificuldade para lidar com questões da escola
( ) Porque estava com dificuldade para lidar com questões de namoro
( ) Porque não tinha coisa melhor para fazer

138 - Quantos anos você tinha quando usou drogas pela primeira vez?

Resposta: _____anos

139 - Com quem você usa ou usou drogas? (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) Sozinho
( ) Com o namorado ou com a namorada
( ) Com outras pessoas
( ) Com a turma
( ) Com parentes

140 - Onde você usou drogas pela primeira vez?

( ) Em festas
( ) Na escola
( ) Na rua
( ) No trabalho

( ) Em casa ( ) Usei em outro lugar. Qual? _____

141 - Onde você costuma usar drogas? (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) Em festas ( ) Na rua

( ) Em casa ( ) No trabalho

( ) Na escola ( ) Uso em outros lugares. Onde? _____

142 - Como você consegue as drogas?

( ) Pessoas me dão ( ) Outras maneiras. Responda qual:_____

( ) Compro com meu dinheiro ( ) Roubo para comprar

143 - Quantas vezes você usa drogas?

( ) Todo dia ( ) Toda semana

( ) Todo mês ( ) De vez em quando

144 - Alguém da sua família sabe que você usa drogas? (Você pode marcar mais de uma resposta, se preciso)

( ) Pai ( ) Mãe

( ) Irmãos ( ) Outros. Quem? _____

TEMÁTICAS

145 - Você está na sala de aula e percebe que seu livro desapareceu, o que você faria?

( ) Uso a força para ter de volta o meu livro.

( ) Mexo em todas as pastas dos colegas para ver se encontro o livro.

( ) Aviso ao professor para que ele me ajude a resolver o problema.

( ) Tento lembrar se deixei o livro em algum lugar ou se emprestei para um colega.

( ) Fico triste, pois sei que não vou achá-lo mais.

( ) Pergunto aos meus colegas se alguém viu o livro.

( ) Faço outra coisa. O que? _____

146 - Na sua “turma” de escola você tem um colega que fica te irritando (coloca apelido, te cutuca, mexe nos seus materiais) o tempo todo. O que você faria para resolver esta situação?

( ) Nada, pois ele pode me agredir.

( ) Peço a ajuda de um professor ou de outro funcionário da escola para resolver o problema.

( ) Parto logo para a briga.

( ) Tento conversar com ele e peço que pare com isso.

( ) Faço outra coisa. O que? _____

147 - No seu bairro estão formando um grupo de dança e você quer entrar só que não há mais vagas. O que você faria para participar do grupo?

( ) Vou aos ensaios e fico fazendo tumulto até que me coloque no grupo.

( ) Vou falar mal do grupo, já que não conseguiu uma vaga.

( ) Vou propor que formem mais um grupo de dança

( ) Não faço nada, pois sei que nada vai adiantar

( ) Faço outra coisa. O que? _____

148 - Você está jogando com seus amigos e logo no início você sai porque perdeu. O que você faz?

( ) Saio, mas fico atrapalhando

( ) Eu sempre dou um jeito de ficar no jogo

( ) Faço outra coisa. O que? _____

( ) Não aceito e começo a brigar

( ) Nada

149 - Você está jogando bola e no meio de uma confusão acaba brigando e batendo no seu colega. Ele sai machucado e diz que vai chamar os amigos dele para te bater. O que você faz?

( ) Chamo meus amigos para eu não apanhar

( ) Peço desculpas porque estou com medo e não quero apanhar

( ) Peço desculpa pois reconheço que errei e quero resolver a situação na conversa

( ) Fico sem sair de casa por alguns dias e evito ir a lugares onde posso encontrá-lo

( ) Faço outra coisa. O que? _____

150 - Você está namorando. Um(a) outro(a) garoto(a) começa a dar em cima do(a) seu (sua) namorado(a). O que você faz?

( ) Parte para cima
( ) Começa a dar em cima da namorada dele(a)
( ) Contrata alguém para lhe dar uma surra
( ) Combina com amigos para lhe dar uma surra ou outro corretivo
( ) Diz, na boa, para ele(a) se mancar
( ) Finge que não vê
( ) Sai de perto

151 - Você está namorando e descobre que seu (sua) namorado (a) está tendo um caso com outro(a). O que você faz?

( ) Parte para cima desse (a) outro(a)
( ) Contrata alguém para dar uma surra no(a) namorado(a)
( ) Contrata alguém para dar uma surra no(a) outro(a)
( ) Combina com amigos para dar uma surra ou outro corretivo no(a) namorado(a).
( ) Combina com amigos para uma surra ou outro corretivo no(a) outro(a)
( ) Arranjo outro(a) também
( ) Parte para cima do seu (sua) namorado (a)
( ) Finge que não vê

152 - O que você achou desta pesquisa?

( ) Muito importante ( ) Importante ( ) Sem importância

Deixe, se quiser, o seu comentário aqui:

_____
_____
_____
_____
_____